DEVĪ-MĀHĀTMYA

Devī-Māhātmya

Mārkaṇḍeya Purāṇa
Capítulos 81-93

Tradução para o inglês por
F. Eden Pargiter – 1904

Tradução para o português por
Eleonora Meier – 2023

Primeiro louvor à Deusa: I.54-65

Segundo louvor à Deusa: IV.2-26

Terceiro louvor à Deusa: V.7-36

Quarto louvor à Deusa: XI.2-33

Conteúdo

Resumo do Capítulos.....5

Canto I – Início do Devī-Māhātmya. A Morte de Madhu e Kaiṭabha no Relato do Sāvarṇika Manvantara.....8

Canto II – O Massacre do Exército do Asura Mahiṣa ...23

Canto III – A Morte do Asura Mahiṣa.....33

Canto IV – Conclusão da Morte do Asura Mahiṣa 40

Canto V – A Conversa da Deusa com o Mensageiro do Asura.....51

Canto VI – A Morte de Dhūmralocana 66

Canto VII – A Morte de Caṇḍa e Muṇḍa.....70

Canto VIII – A Morte de Raktavīja 74

Canto IX – A Morte de Niśumbha 84

Canto X – A Morte de Śumbha.....91

Canto XI – O Louvor à Deusa.....96

Canto XII – Conclusão do Devī-Māhātmya: A Morte de Śumbha e Niśumbha.....108

Canto XIII – Conclusão do Devī-māhātmya.....115

Resumo do Capítulos

Canto I

A menção a Sāvarṇi introduz o *Devī-Māhātmya*. Mārkaṇḍeya conta que o rei Suratha, após ser banido do próprio reino, encontra um *vaiśya* também expulso da própria família, e ambos consultam um *ṛṣi* sobre as saudades que eles sentem de casa; o *ṛṣi* atribui seus sentimentos à Deusa Mahāmāyā (Grande Ilusão), e narra como, quando Ela foi louvada por Brahmā, Viṣṇu matou os demônios Madhu e Kaiṭabha.

Canto II

O *ṛṣi* recita as façanhas d'Ela. Aqui começa o *Devī-Māhātmya* propriamente dito. Os demônios sob o comando de Mahiṣa vencem os deuses, e a Deusa é formada como Caṇḍikā (Ambikā) a partir das energias especiais deles combinadas; Ela inicia uma grande batalha e destrói os demônios.

Canto III

A batalha continua. A Deusa mata todos os comandantes demônios e finalmente o próprio Mahiṣa.

Canto IV

Os deuses A louvam com um hino, e Ela promete ser sempre amiga deles.

Canto V

Os deuses são novamente derrotados pelos demônios Śumbha e Niśumbha, e A invocam; Ela aparece, Śumbha quer se casar com Ela, mas Ela recusa.

Canto VI

Śumbha envia um exército e a Deusa destrói o comandante Dhūmralocana e o leão da Deusa destrói o exército.

Canto VII

Śumbha envia outro exército com Caṇḍa e Muṇḍa; a Deusa Kālī os destrói e Caṇḍikā dá a Ela o nome composto de Cāmuṇḍā.

Canto VIII

Śumbha envia todos os seus exércitos contra Caṇḍikā; a luta de Caṇḍikā contra o grande Asura Raktavīja é descrita – Ele é morto.

Canto IX

A Deusa mata Niśumbha, apesar da ajuda de Śumbha, e muitos outros demônios.

Canto X

Śumbha e muitos outros demônios são mortos.

Canto XI

Os deuses A louvam com um hino e Ela promete libertá-los sempre.

Canto XII

A Deusa disserta sobre os méritos desse poema. Os deuses recuperam a supremacia; e Ela é glorificada. Aqui termina o *Devī-Māhātmya* propriamente dito.

Canto XIII

Depois de ouvir esse poema, o rei Suratha adora Caṇḍikā, e Ela promete que ele será o oitavo Manu, Sāvarṇi.

❀ ❀ ❀

Canto I – Início do Devī-Māhātmya. A Morte de Madhu e Kaiṭabha no Relato do Sāvarṇika Manvantara

———

O rei Suratha, após ser derrotado e expulso de seu reino, se refugia na floresta com um muni *— Ele encontra um* vaiśya *que havia sido expulso de casa pelos parentes, e ambos perguntam ao* muni *sobre os sentimentos egoístas que eles ainda tinham. — Ele atribui esses sentimentos à Deusa Mahāmāyā ou Grande Ilusão, e conta como Brahmā louvou a Deusa no final de um* kalpa *anterior, a fim de se livrar dos demônios Madhu e Kaiṭabha, e como Viṣṇu, despertando, matou os demônios.*

———

Om! Reverências a Caṇḍikā.

Mārkaṇḍeya falou:

1. O filho de Sūrya, Sāvarṇi, é aquele que é chamado de Oitavo Manu.

2. Ouça sobre o nascimento dele, conforme eu conto detalhadamente como, devido à autoridade da

Grande Ilusão,[1] aquele ilustre filho do Sol, Sāvarṇi, tornou-se o rei do oitavo *manvantara*.

3. Tempos atrás, no período de Svārociṣa, um rei chamado Suratha, originário da linhagem de Caitra, reinava sobre toda a terra.

4. E enquanto ele protegia devidamente os súditos como se fossem seus próprios filhos, surgiram reis hostis, que não destruíram os Kolas.

5. Ele, o portador de um cetro muito poderoso, travou guerra contra eles, e foi derrotado na guerra, por mais inferiores que fossem aqueles não-destruidores dos Kolas.

6. Então, indo para a sua própria cidade, ele reinou como o rei do seu próprio país. Aquele rei ilustre então foi atacado por aqueles inimigos poderosos.

7. Seus ministros poderosos e corruptos, que eram mal-intencionados para com os fracos, então roubaram-lhe o tesouro e o exército, lá mesmo em sua própria cidade.

8. Assim, o rei privado de sua soberania partiu sozinho a cavalo para uma densa floresta sob o pretexto de caçar.

---

[1] *Mahā-māyā.*

9-10. Lá ele viu o eremitério do nobre *dvija* Medhas, habitado por animais selvagens pacíficos, agraciado pelos discípulos do *muni*; e ele morou lá por algum tempo, honrado pelo *muni*.

11. E vagando de um lado para outro naquele belo eremitério do *muni*, ele ficou pensativo naquele momento, com a mente perturbada pelo egoísmo, egocentrista. “De fato, perdida está a cidade que eu protegia anteriormente. Se ela é protegida corretamente ou não por aqueles meus servos de má conduta, eu não sei.

12. Meu principal elefante de guerra, sempre impetuoso, está sob o poder de meus inimigos; que prazeres ele obterá?

13-15. Aqueles que eram meus seguidores constantes agora certamente cortejam outros reis com favores, riquezas e comida. O tesouro que acumulei com grande dificuldade será desperdiçado por aqueles homens, viciados em gastos impróprios, que o desperdiçam continuamente”. Nesses e outros assuntos o rei pensava continuamente.

16. Perto do eremitério do brâmane ele viu um *vaiśya* solitário e perguntou-lhe: “Ho! Quem és tu? E qual é a razão da tua vinda aqui? Por que pareces estar

cheio de tristeza, como se estivesses com a mente angustiada?

17-18. Ao ouvir essas palavras do rei, que foram proferidas de maneira amigável, o *vaiśya*, curvando-se respeitosamente, respondeu ao rei: “Eu sou um *vaiśya*, chamado Samādhi, nascido em uma família de pessoas ricas e fui expulso por meus filhos e esposa, que são perversos pela ganância por riqueza.

19. E desprovido de riquezas, esposa e filhos, pegando meus pertences, eu vim para a floresta, infeliz e expulso por meus parentes de confiança.

20. Nessa condição eu não sei qual é o comportamento dos meus filhos em relação à prosperidade ou adversidade, nem da minha família, nem da minha esposa.

21. Eu moro aqui. Eles estão bem em casa agora ou têm má sorte? Como eles estão? Meus filhos estão vivendo vidas boas ou nocivas?”

O rei falou:

22. Por que tu, Senhor, colocas o teu afeto mental naqueles gananciosos, teus filhos, esposa e outros, que te separaram da tua riqueza?

O vaiśya falou:

23. Esse exato pensamento me ocorreu, assim como tu o proferiste, senhor. O que posso fazer? Minha mente não nutre implacabilidade.

24. E a minha mente, que tem o afeto de um mestre por sua família, é afetuosa para com aquelas mesmas pessoas que abandonaram o afeto por um pai e me expulsaram em sua ganância por riqueza.

25. Eu não compreendo, embora eu saiba, ó nobre senhor, como é que a mente é propensa ao amor até mesmo por parentes indignos.

26. Por causa deles os meus suspiros fluem e surge a angústia mental. O é que que posso fazer, visto que minha mente não é impiedosa em relação àqueles parentes insensíveis?

Mārkaṇḍeya falou:

27-28. Então ambos, o *vaiśya* chamado Samādhi e o rei nobre, se aproximaram do *muni*, ó brâmane, e tendo ambos seguido a etiqueta digna dele, como era apropriado, eles se sentaram e tiveram várias conversas, o *vaiśya* e o rei.

O rei falou:

29. Senhor adorável! Eu quero perguntar-lhe algo; diga-me; já que isso tende a afligir a minha mente sem produzir a submissão do meu intelecto.

30. Eu tenho um sentimento egoísta pelo meu reino, mesmo levando em consideração todos os requisitos da administração real, embora eu saiba o que é, como alguém que é ignorante; como é isso, ó melhor dos *munis*?

31. E esse homem foi desprezado e rejeitado por seus filhos, esposa e servos; e mesmo abandonado pela família, ele, todavia, sente extremo afeto por eles.

32. Assim, ele e eu também estamos extremamente infelizes; nossas mentes são atraídas por pensamentos egoístas para esse assunto, embora percebamos o erro disso.

33. Como acontece então, ilustre senhor, de estarmos iludidos, embora cientes disso, e desse estado de ilusão atormentar a mim e a ele, que somos cegos em relação ao discernimento?

O ṛṣi falou:

34. Todo animal tem esse conhecimento dos objetos cognoscíveis pelos sentidos e um objeto dos

sentidos chega a ele assim de diversas maneiras, senhor ilustre!

35. Alguns seres vivos são cegos durante o dia e outros são cegos à noite; alguns seres vivos podem ver igualmente bem de dia e à noite.

36-37. A humanidade sabe o que é verdadeiro, mas não só ela, de fato, porque o gado, as aves, os animais selvagens e outras criaturas certamente o sabem; e os homens têm o mesmo conhecimento que esses animais selvagens e aves, e igualmente tanto os animais selvagens quanto as aves têm o outro conhecimento que aqueles homens têm.

38. Embora tenham esse conhecimento, observe essas aves, que, embora sejam elas próprias afligidas pela fome, ainda assim, devido à mesma ilusão, são assíduas em colocar grãos nos bicos de seus filhotes.

39. Os seres humanos estão cheios de anseios em relação aos seus filhos, ó herói; eles não superam a ganância por si em prol do benefício mútuo? Você não percebe?

40. Todavia, eles são lançados no redemoinho do egoísmo, que é o poço da ilusão; devido ao poder da Grande Ilusão eles tornam permanente a existência mundana.

41. Então não se admire com isso. Esse é o sono contemplativo do senhor do mundo e a Grande Ilusão que vem de Hari; por Ela o mundo é completamente iludido.

42. Em verdade Ela, a Deusa adorável, Grande Ilusão, atraindo à força as mentes até mesmo daqueles que sabem, os apresenta à ilusão.

43. Por Ela é criado todo esse universo móvel e fixo; é Ela quem, quando propícia, concede bênçãos aos homens visando a emancipação final deles.

44. Ela é o Conhecimento Supremo; Ela é a causa eterna da emancipação final e a causa da escravidão da existência mundana; Ela realmente é a Rainha de todos os senhores.

O rei falou:

45. Senhor adorável! Quem é então essa Deusa a quem tu chamas de Mahāmāyā? Como Ela nasceu e qual é a sua esfera de ação, ó brâmane?

46. E qual é o seu temperamento, qual é sua natureza, e de onde Ela se originou, a Deusa – tudo isso que desejo ouvir de ti, ó tu versado em conhecimento sagrado!

O ṛṣi falou:

47. Ela existe eternamente, encarnada como o mundo. Por Ela esse universo foi expandido. No entanto, sua origem ocorre de muitas maneiras; ouça-me.

48. Quando Ela se revela para cumprir os propósitos dos deuses, então se diz no mundo que Ela nasceu; Ela também é chamada de Eterna.[2]

49-50. Enquanto o adorável senhor Viṣṇu, estendendo Śeṣa, almejava o sono da contemplação no final do *kalpa*, quando o universo foi convertido em oceano absoluto, então dois Asuras terríveis chamados Madhu e Kaiṭabha,[3] surgindo da base da orelha de Viṣṇu, tentaram matar Brahmā.

51-53. Brahmā, o Prajāpati, estava sobre o lótus que crescia no umbigo de Viṣṇu; e ao ver aqueles dois Asuras ferozes e Janārdana adormecido, e permanecendo com o coração concentrado unicamente nisso, a fim de despertar Hari, ele exaltou aquele Sono da contemplação que fez dos olhos de Hari sua morada – o senhor do esplendor exaltou o Sono de Viṣṇu, que é a Rainha do universo,

---

[2] *Nityā*.
[3] Veja o *Harivaṃśa*, Livro 3, Cap. 13.

a sustentadora do mundo, a causa da permanência e da dissolução, cheio de reverência, incomparável.[4]

Brahmā falou:

54. Tu és Svāhā, Tu és Svadhā; Tu de fato és Vaṣaṭkāra, Tu tens o som como Tua alma;[5] Tu és o néctar dos deuses, as duas letras eternas.[6]

55. Tu existes tendo as três *mātrās* como Tua alma;[7] Tu existes pelo período de meia *mātrā*, porém eterna; de fato, Tu não podes ser pronunciada especificamente; Tu és[8] a Sāvitrī.[9]

---

[4] A edição de Mumbai introduz *staumi* e algumas mudanças na segunda linha, e lê esse verso como o início da invocação de Brahmā.
[5] Ou "Tu tens o céu como Tua alma", *svarātmikā*. O significado "som" parece preferível, pois combina com o restante do verso.
[6] *Om*? O comentário ignora essa expressão, *akṣare nitye*.
[7] "As três medidas prosodiais". A expressão *tridhāmātrātmikā* também é dividida pelo comentador em *tri-dhāmā trātmikā*: "Tu tens as três mansões, (isto é, os três mundos, os três Vedas, as três divindades principais etc.), Tu tens o preservador (Viṣṇu) como Tua alma".
[8] Em vez de *sā tvam*, a edição de Mumbai lê *sandhyā*, "o crepúsculo".
[9] O verso Gāyatrī.

56. Tu és a Mãe Divina[10] sublime. Por Ti, de fato, tudo é mantido, por Ti esse mundo é criado, por Ti ele é protegido, ó Deusa! e Tu sempre o consomes no final.

57. Na emanação dele Tu assumiste a forma da criação, e ao protegê-lo Tu tens a forma da permanência, e no fim desse mundo Tu terás a forma da contração, ó Tu que conténs o mundo!

58. Tu és o Grande Conhecimento, a Grande Ilusão, o Grande Vigor, a Grande Memória e a Grande Ilusão,[11] a Senhora, a Grande Deusa, a Grande Demônia.[12]

59. E Tu és a fonte[13] original do universo, a causa promotora das três qualidades; Tu és a Noite da destruição do mundo, a Grande Noite, e a Noite da ilusão, terrível!

60. Tu és a Boa Fortuna, Tu és a Rainha, Tu és Modéstia; Tu és a Inteligência caracterizada pela percepção; Tu és Vergonha, Nutrição e

---

[10] Em vez de *devī jananī*, a edição de Mumbai lê *Veda-jananī*, "a Mãe do Veda".
[11] Ou melhor, "Tu tens a grande ilusão", *Mahā-mohā*.
[12] *Mahāsurī*. A edição de Mumbai diz *Maheśvarī*, "a Grande Rainha".
[13] *Prakṛti*.

Contentamento, Tranquilidade e Paciência também.

61. Tu és terrível, armada de espada, de lança, de bastão, de disco, de búzio, de arco, e tendo como armas flechas, fundas[14] e maça de ferro.

62. Tu és gentil, sim, mais do que gentil, extremamente bela para aqueles que são totalmente gentis; Tu estás de fato além do supremo e do ínfimo, Rainha Suprema!

63. E seja lá o que for ou onde quer que haja algo, seja bom ou mau, Tu és a energia que tudo aquilo possui, ó Tu que és a alma de tudo.

64. Posso exaltar-Te mais do que isso? Por Ti, que és assim, aquele que realmente criou o mundo, que protege o mundo, que consome o mundo, é colocado sob o domínio do sono.

65. Quem é capaz aqui de Te glorificar? Já que Viṣṇu, eu e Śiva fomos feitos por Ti para assumir corpos, quem então pode ser poderoso o bastante para Te louvar?

---

[14] *Bhuśuṇḍi*. Após explicar essa palavra como uma contração de *bhuja-śatru-muṇḍī*, “aquela que corta os inimigos com os braços”, o comentador diz que significa *go-phaṇikā*, “uma funda”. O dicionário diz que é “um tipo de arma (talvez um tipo de arma de fogo)”.

66-67. Sendo assim, ó Deusa, louvada dessa maneira, enfeitice esses dois Asuras inatacáveis, Madhu e Kaiṭabha, com os Teus grandes poderes, e que o mestre imperecível do mundo seja levemente trazido de volta à consciência, e que ele desperte sua inteligência para matar esses dois grandes Asuras!

O ṛṣi falou:

68-69. Então a Deusa das Trevas, assim exaltada pelo Criador a fim de despertar Viṣṇu para matar Madhu e Kaiṭabha, saiu dos olhos, boca, nariz, braços, coração e peito dele, e ficou à vista de Brahmā, cujo nascimento é inescrutável.

70. E Janārdana, o mestre do mundo, sendo abandonado por ela, levantou-se de seu leito no oceano universal.

71. E ele viu aqueles dois então, Madhu e Kaiṭabha, de alma maligna, de heroísmo e coragem excelente, de olhos vermelhos de raiva, totalmente preparados para devorar Brahmā.

72. Então o adorável senhor Hari se levantou e lutou contra aqueles dois, golpeando-os com seus braços, por cinco mil anos.

73. E eles, extremamente frenéticos com seu poder, enganados pela Grande Ilusão, exclamavam para Keśava: “Escolha uma bênção nossa!”

O deus falou:

74. Fiquem ambos agora satisfeitos comigo; vocês dois devem ser mortos por mim! Que necessidade há de qualquer outra bênção aqui? Essa é realmente a minha escolha.

O ṛṣi falou:

75. Olhando então para o mundo inteiro que não era nada além de água, aqueles dois, que haviam sido assim enganados, falaram ao deus adorável de olhos de lótus: “Mate-nos onde a terra não esteja inundada de água”.[15]

O ṛṣi falou:

76. “Que assim seja”, disse o adorável portador da concha, do disco e da maça, e cortando-os com seu disco, partiu-os em pedaços, cabeças e nádegas.

---

[15] A edição de Mumbai torna essa frase a segunda linha de um novo verso e lê como a primeira linha dele: “Estamos satisfeitos com a batalha contigo; tu és digno de louvor como a Morte para nós!”

77. Assim Ela nasceu quando foi louvada pelo próprio Brahmā. Agora ouça novamente, eu lhe falarei sobre a majestade dessa Deusa.

◀

❀ ❀ ❀

Canto II – O Massacre do Exército do Asura Mahiṣa

———

Outrora os deuses foram derrotados em uma grande batalha pelos Asuras e expulsos do céu, e o Asura Mahiṣa tornou-se o supremo. — Todos os deuses cedem suas energias especiais, que se combinam e formam a Deusa Caṇḍikā. — Eles dão a ela suas armas, e ela luta contra os Asuras e os destrói.

———

O ṛṣi falou:

1. Antigamente houve uma luta por cem anos entre os deuses e os Asuras, quando Mahiṣa era o senhor dos Asuras e Indra o senhor dos deuses.

2. Nela o exército dos deuses foi derrotado pelos Asuras que se destacavam em bravura, e o Asura Mahiṣa, depois de subjugar todos os deuses, tornou-se o Indra.

3. Então os deuses derrotados, colocando o Prajāpati Brahmā em sua dianteira, foram para onde moravam Śiva e Viṣṇu.

4. Os trinta deuses descreveram para eles com detalhes o que havia acontecido, a história completa da derrota dos deuses que foi causada pelo Asura Mahiṣa.

5. “Ele, Mahiṣa, domina pessoalmente as jurisdições do Sol, Indra, Agni, Vāyu e da Lua, de Yama e Varuṇa e dos outros deuses.

6. Expulsos de Svarga por esse Mahiṣa de alma maligna, todas as hostes de deuses vagam pela terra como mortais.

7. Agora foi relatado a vocês dois tudo o que foi feito pelo inimigo dos Imortais, e procuramos vocês dois como amparo; que a destruição deles seja planejada!”

8. Após ouvir assim as palavras dos deuses, Viṣṇu se enfureceu e Śiva também; ambos franziram seus rostos.

9-10. Então uma grande energia[16] brotou da boca de Viṣṇu que estava cheio de raiva intensa, e das bocas de Brahmā e Śiva; e dos corpos de Indra e dos outros deuses saiu uma energia imensa; e tudo se amalgamou.

---

[16] *Tejas*.

11. Os deuses contemplaram a massa de energia intensa ali como uma montanha em chamas, permeando as outras regiões do céu com seu brilho.

12. E aquela energia incomparável nascida dos corpos de todos os deuses, que permeava os três mundos com sua luz, tornando-se uma só se transformou em uma mulher.

13-17. Pela energia de Śiva seu rosto se desenvolveu, e pela energia de Yama seu cabelo cresceu, e seus braços pela energia de Viṣṇu, seus seios pela Lua; e sua cintura surgiu pela energia de Indra, e pela de Varuṇa suas pernas e coxas, pela energia da Terra seus quadris, pela energia de Brahmā seus pés, seus dedos dos pés pela energia do Sol, e pela energia dos Vasus suas mãos e dedos, e pela de Kuvera seu nariz; e seus dentes cresceram pela energia de Prajāpati, e três olhos foram desenvolvidos pela energia de Agni; e suas sobrancelhas eram a energia dos dois crepúsculos, e suas orelhas a energia de Vāyu; e a manifestação das energias dos outros deuses se tornou a Deusa auspiciosa.

18. Então, olhando para Ela, que surgiu das energias combinadas de todos os deuses, os Imortais que

eram atormentados por Mahiṣa sentiram uma imensa alegria.[17]

19. O portador do arco Pināka, tirando um tridente do seu próprio tridente, deu-o a Ela; e Kṛṣṇa deu um disco tirando-o do seu próprio disco.

20-21. E Varuṇa deu a Ela uma concha, Agni uma lança, Māruta deu um arco e uma aljava cheia de flechas. Indra, o senhor dos Imortais, deu um raio tirando-o do seu próprio raio; o de mil olhos deu a Ela um sino do seu elefante Airāvata.

22. Yama deu uma vara da sua própria Vara do Destino, e o Senhor das Águas um laço; e o Prajāpati deu a Ela um colar de contas, Brahmā um jarro de água feito de barro.

23. O Sol concedeu seus próprios raios a todos os poros da pele dela, e o Destino[18] deu-lhe uma espada e um escudo imaculados.

24-27. E o Oceano de Leite um colar de pérolas imaculado e também um par de roupas imaculadas. E um diadema divino, um par de brincos, e pulseiras,

---

[17] A edição de Mumbai insere um verso aqui. “Então os deuses deram a Ela também as suas próprias armas; desejando a vitória, eles gritaram ruidosamente para a Deusa vitoriosa ‘Vença! Vença!'"

[18] Ou Tempo, Kāla.

e um ornamento de meia-lua brilhante, e braceletes para todos os seus braços, e também um par de tornozeleiras brilhantes, um colar do melhor feitio, e anéis e pedras preciosas para todos os seus dedos – esses Viśvakarman deu a Ela, e também um machado brilhantemente polido, armas de vários formatos e também uma armadura impenetrável.

28. E o Oceano deu-lhe uma guirlanda de flores de lótus perenes para a cabeça e outra para o peito, além de uma flor de lótus muito brilhante.

29. Himavat deu a Ela um leão para montar e pedras preciosas de vários tipos. Kuvera deu um cálice cheio de vinho.

30. E Śeṣa, o senhor de todas as serpentes, que sustenta essa terra, deu-lhe um colar de serpente adornado com grandes pedras preciosas.

31. Honrada por outros deuses também com presentes de ornamentos e armas, a Deusa emitiu um rugido alto misturado com uma gargalhada, repetidas vezes. Seu rugido terrível reverberou por todo o céu.

32-33. Devido àquele rugido penetrante e extremamente extenso, um grande eco reverberou, todos os mundos tremeram e os mares se agitaram, a terra tremeu e todas as montanhas se moveram.

34. “Vença!” exclamaram os deuses com alegria para Ela montada no leão, e os *munis* A glorificaram enquanto curvavam seus corpos com fé.

35. Ao verem todos os três mundos muito agitados, os inimigos dos Imortais, unindo todos os seus exércitos, permaneceram juntos, com armas erguidas.

36. “Ah! o que é isso?" exclamou o Asura Mahiṣa com fúria, e correu cercado por todos os Asuras em direção àquele rugido.

37-38. Então ele viu a Deusa, permeando os três mundos com sua luz, fazendo a terra se curvar ao toque de seus pés, tocando o firmamento com sua cabeça, sacudindo todo o Pātāla com o som da corda de seu arco, permeando o céu ao redor com seus mil braços.

39. Começou então uma batalha entre a Deusa e os inimigos dos deuses, na qual todas as regiões do céu foram iluminadas com as armas e armamentos arremessados em abundância.

40. E o general do Asura Mahiṣa, o grande Asura chamado Cikṣura, lutou com Ela; e o Asura Cāmara acompanhado por sua cavalaria lutou junto com outros.

41-45. O grande Asura chamado Udagra lutou com seis miríades de carruagens; e Mahāhanu com mil miríades travou batalha; e o grande Asura Asiloman com cinquenta milhões; com seiscentas miríades, Vāskala lutou na batalha; Ugradarśana com muitas tropas de milhares de elefantes e cavalos, e cercado por dez milhões de carruagens lutou naquela batalha; e o Asura chamado Viḍāla lutou na batalha lá, cercado por cinquenta miríades de miríades de carruagens. E outros grandes Asuras às multidões, cercados por carruagens, elefantes e cavalos, lutaram com a Deusa naquela batalha.

46. Agora o Asura Mahiṣa estava cercado por milhares de dez milhões vezes dez milhões de carruagens, elefantes e cavalos naquela batalha.

47. Com maças e dardos de ferro, com lanças e bastões, com espadas, com machados e alabardas eles lutaram na batalha contra a Deusa.

48. E alguns atiraram lanças, e outros arremessaram laços e atacaram a Deusa com golpes de suas espadas para matá-la.

49. E então a Deusa Caṇḍikā partiu, como se fosse a mais simples brincadeira, aquelas armas e armamentos derramando suas próprias armas e armamentos.

50. A Deusa não demonstrava nenhum esforço em seu semblante, enquanto os deuses e os *ṛṣis* A louvavam. A Deusa Rainha lançou suas armas e armamentos nos corpos dos Asuras.

51. O leão também que carregava a Deusa, enfurecido e de juba desgrenhada, espreitava entre os exércitos de Asuras, como fogo pelas florestas.

52. E as respirações profundas que Ambikā, lutando na batalha, exalava, se materializavam imediatamente como tropas às centenas e milhares.

53. Esses lutavam com machados, com dardos, e espadas e alabardas, destruindo os bandos de Asuras, sendo revigorados pela energia da Deusa.

54. E desses bandos, alguns faziam barulho com grandes tambores, e outros com conchas, e outras ainda com tímpanos, naquela grande festa da batalha.

55-56. Então a Deusa com seu tridente, seu bastão, com chuvas de lanças, e com sua espada e outras armas massacrou os grandes Asuras às centenas, e derrubou outros que foram enfeitiçados pelo toque de seu sino; e amarrando outros Asuras com seu laço os arrastou pelo chão.

57. E outros ainda, partidos em dois por golpes afiados de sua espada e esmagados por golpes de sua maça, jaziam no chão; e alguns gravemente espancados por seu bastão vomitavam sangue.

58. Alguns foram derrubados no chão, perfurados no peito por seu tridente. Alguns, reunidos, foram cortados em pedaços pela torrente de suas flechas no campo de batalha.

59-61. Seguindo o estilo de um exército,[19] os algozes dos trinta deuses morreram; alguns com os braços decepados e outros com o pescoço decepado; de outros as cabeças caíam, outros eram cortados ao meio; e outros grandes Asuras caíam com as pernas totalmente cortadas; alguns eram divididos pela Deusa em duas partes, com um único braço, olho e pé em cada parte; e outros caíam e se levantavam novamente, embora decapitados.

62. Cadáveres sem cabeça, ainda empunhando as melhores armas, lutavam com a Deusa; e outros dançavam lá na batalha, acompanhando o ritmo dos instrumentos musicais.

63. Cadáveres, com cabeças cortadas, ainda seguravam espadas, arpões e lanças nas mãos; e

---

[19] *Senānukāriṇaḥ*; mas o comentador traduz como “lutando na retaguarda do exército”. A edição de Mumbai diz *śailānukāriṇaḥ*, “que pareciam montanhas”.

outros grandes Asuras gritavam para a Deusa: “Pare! Pare!”[20]

64. Com as carruagens, elefantes e cavalos e Asuras prostrados o terreno tornou-se intransitável onde aquela grande batalha ocorreu.

65. E grandes rios formados de torrentes de sangue fluíam direto por lá entre os exércitos de Asuras, e entre os elefantes, Asuras e cavalos.

66. Assim, Ambikā levou aquele grande exército de Asuras à destruição total em um momento, assim como o fogo consome totalmente uma enorme pilha de grama e madeira.

67-68. E o leão, de juba trêmula, continuava espreitando, rugindo alto. Enquanto ele rondava, como se estivesse em busca de vida nos corpos dos inimigos dos Imortais, a batalha era travada lá entre aquelas tropas da Deusa e os Asuras, de modo que os deuses no céu enviando chuvas de flores a gratificaram.[21]

◀

❀ ❀ ❀

[20] A edição de Mumbai acrescenta uma linha a esse verso: “enquanto de seus membros mutilados fluíam rios de sangue (*rudhiraugha-viluptāṅgāḥ*) naquela batalha terrível”.
[21] Ou “louvaram”, segundo outra leitura.

Canto III – A Morte do Asura Mahiṣa

———

Continuação da descrição da batalha — A Deusa mata os comandantes Asuras em combate individual e, finalmente, o Asura Mahiṣa.

———

O ṛṣi falou:

1. Agora o grande Asura, o general Cikṣura, ao ver aquele exército sendo massacrado, avançou furioso para lutar com Ambikā.

2. O Asura derramou uma chuva de flechas sobre a Deusa na batalha, como uma nuvem inunda o topo de Meru com uma chuva torrencial.

3-4. A Deusa, cortando em pedaços as massas de flechas dele então como se estivesse brincando, atingiu com flechas os seus cavalos e cocheiro; e imediatamente partiu seu arco e seu estandarte erguido no alto; e com mísseis rápidos perfurou seu corpo enquanto ele estava com o arco quebrado.

5. Seu arco quebrado, sua carruagem inutilizada, seus cavalos mortos, seu cocheiro morto, o Asura armado com espada e escudo avançou contra a Deusa.

6-7. Com a maior celeridade ele feriu o leão na cabeça com sua espada afiada e atingiu a Deusa também no braço esquerdo. Sua espada se fragmentou em pedaços quando tocou o braço dela (ó príncipe).

8. Então, com os olhos vermelhos de raiva, ele agarrou sua lança e ele, o grande Asura, atirou-a em Bhadrakālī, como se fosse o orbe do Sol brilhando intensamente com seu esplendor vindo do céu.

9. Ao ver aquela lança caindo sobre si, a Deusa arremessou sua própria lança, e essa quebrou aquela lança em cem fragmentos e o grande Asura também.

10. Quando ele, o valente general de Mahiṣa, foi morto, Cāmara, o atormentador dos trinta deuses, avançou montado em um elefante; e ele também jogou uma lança na Deusa.

11. Ambikā rapidamente a derrubou ao chão, atacando-a com uma vaia de desprezo e apagando seu brilho.

12. Ao ver sua lança quebrada e caída, Cāmara cheio de fúria arremessou outra lança; e essa ela partiu com flechas.

13-14. Então o leão saltando agarrou-se à cavidade da testa do elefante e lutou corpo a corpo no alto com aquele inimigo dos trinta deuses; mas ambos caíram do elefante, enquanto lutavam, no chão. Eles lutaram muito próximos com os golpes mais terríveis.

15. Então, saltando rapidamente para o céu e descendo, o leão cortou a cabeça de Cāmara com um golpe de sua pata.

16. E Udagra foi morto em batalha pela Deusa com pedras, árvores e outras coisas, e Karāla também foi derrubado por Ela com seus dentes, punhos e pés.[22]

17. E a Deusa enfurecida reduziu Uddhata a pó com golpes de seu bastão; e matou Vāskala com um dardo, Tāmra e Andhaka com flechas.

18-19. E a Deusa Suprema de três olhos matou Ugrāsya e Ugravīrya e Mahāhanu também com seu tridente. Com sua espada Ela derrubou com um golpe a cabeça de Viḍāla de seu corpo. Ela despachou Durdhara e Durmukha para a residência de Yama com suas flechas.[23]

---

[22] *Danta-muṣṭi-talaiś*; ou, segundo o comentador: “com a base do punho de sua espada de marfim”.
[23] A edição de Mumbai insere quatro linhas aqui.
“E ela, que é a Noite do Destino, derrubou Kāla com sua Vara do Destino. Ela espancou Ugradarśana com golpes muito violentos de sua cimitarra. Ela de fato partiu Asiloman com sua

20. Agora, enquanto seu exército estava sendo totalmente destruído, o Asura Mahiṣa em sua própria forma de búfalo aterrorizou as tropas dela.

21. Alguns ele derrubou com um golpe de seu focinho, e outros pisoteando com os cascos, e outros porque foram chicoteados por sua cauda e cortados por seus chifres.

22. E outros também por sua investida impetuosa, seus berros e sua carreira rodopiante, e outros pelo sopro de seu hálito – assim ele os derrubou na face da terra.

23. Tendo derrotado a vanguarda do exército dela, o Asura correu para atacar o leão da grande Deusa.

24. Nisso Ambikā revelou sua ira. E ele, de grande bravura, golpeando a superfície da terra com seus cascos em sua fúria, jogou as montanhas no alto[24] com seus chifres e berrou.

---

espada no festival de batalha. Suas tropas, seu leão e a própria Deusa ergueram ruidosamente o grito de guerra de vitória junto com aqueles festivais de batalha."

[24] *Uccaiḥ*, como diz a edição de Mumbai, é preferível a *uccān*, "montanhas altas".

25. Esmagada pelos seus giros impetuosos, a terra se desfez em pedaços; e o mar açoitado pela sua cauda transbordou em todas as direções.

26. E as nuvens perfuradas por seus chifres oscilantes se partiram em fragmentos; montanhas caíram às centenas do céu, derrubadas pelo sopro de sua respiração.

27. Caṇḍikā olhou para o grande Asura, quando inchado de raiva ele avançou, e ela cedeu à ira para matá-lo.

28. Ela jogou seu laço sobre ele e amarrou o firmemente o grande Asura. E ele abandonou a forma de búfalo quando foi amarrado na grande batalha, e então de repente se tornou um leão.

29. Enquanto Ambikā cortava sua cabeça, ele assumiu a aparência de um homem com uma cimitarra na mão.

30. Imediatamente a Deusa com suas flechas perfurou rapidamente o homem junto com sua cimitarra e escudo.

31. Então ele se tornou um elefante enorme, e puxou o grande leão dela com a tromba e rugiu, mas a Deusa cortou sua tromba com a espada enquanto ele puxava.

32. Em seguida, o grande Asura assumiu novamente a forma de búfalo, e assim abalou os três mundos com tudo o que há neles de móvel e imóvel.

33. Enfurecida com isso, Caṇḍikā, a Mãe do Mundo, tomou uma bebida sublime repetidas vezes,[25] e riu enquanto seus olhos brilhavam avermelhados.

34. E o Asura rugiu, inflado com sua força, bravura e frenesi, e arremessou montanhas contra Caṇḍikā com seus chifres.

35. E Ela, reduzindo a átomos com chuvas de flechas aquelas montanhas que ele lançava, falou-lhe com palavras confusas, enquanto sua boca ficava mais vermelha pelo hidromel que havia bebido.

A Deusa falou:

36. Ruja, ruja em seu breve momento, ó tolo, enquanto eu bebo este hidromel! Os deuses logo rugirão, quando eu o matar aqui mesmo.

37. Exclamando assim Ela saltou para o alto e sentou-se sobre aquele grande Asura, e chutou-o no pescoço com seu pé e o atingiu com sua lança.

---

[25] Veja o Canto II, verso 29b.

38. E então ele, sendo atacado pelo pé dela, realmente saiu parcialmente de sua própria boca, sendo completamente subjugado pela bravura da Deusa.

39. Aquele grande Asura sendo assim atacado saiu parcialmente de fato. A Deusa cortou sua cabeça com a grande espada e o derrubou.[26]

40. Então todo aquele exército Daitya pereceu com grande lamentação. E todas as hostes dos deuses elevaram-se à mais alta exultação.

41. Os deuses e os grandes *ṛṣis* celestiais derramaram louvores à Deusa, os chefes Gandharvas começaram a cantar e os grupos de Apsarases a dançar.

◀

❀ ❀ ❀

[26] A edição de Mumbai insere dois versos aqui.
"Assim o Asura chamado Mahiṣa foi destruído pela Deusa junto com seu exército e seus bandos de amigos, após ele ter enfeitiçado os três mundos. Quando Mahiṣa foi morto, todas as coisas criadas nos três mundos então proferiram o grito 'Vença!' junto com deuses e Asuras e homens."

Canto IV – Conclusão da Morte do Asura Mahiṣa

———

Os deuses entoam seus louvores a Caṇḍikā por sua vitória – E Ela lhes dá a bênção de que sempre será amiga deles, se eles se lembrarem dela em caso de calamidades.

———

O ṛṣi falou:

1. Quando aquele exército valente de alma maligna dos inimigos dos deuses foi derrotado pela Deusa, Śakra e as hostes de outros deuses derramaram seus louvores sobre Ela com suas vozes, curvando reverentemente seus pescoços e ombros, enquanto seus corpos pareciam belos porque seus cabelos estavam arrepiados de exultação.

2. Diante da Deusa, que expandiu esse mundo com Seu poder,
Cujo corpo abrange todos os poderes de todas as hostes de deuses,
Diante d'Ela, Ambikā, digna de adoração por todos os deuses e grandes *ṛṣis*,
Nós nos curvamos com fé; que Ela ordene bênçãos para nós!

3. Que Ela, cuja majestade e poder inigualáveis os adoráveis

Ananta, Brahmā e Hara não podem de fato declarar,
Que ela, Caṇḍikā, volte a Sua mente para a proteção
Do mundo inteiro e a destruição do medo do mal!

4. Diante d'Ela que é a própria Boa Fortuna nas moradas dos homens de boas ações, Má Fortuna
Nas dos homens de almas pecadoras; que é a Inteligência nos corações dos prudentes,
Que é a Fé dos bons, e a Modéstia dos que são nobres;
Diante d'Ela, de Ti, nós nos curvamos; protege o universo, ó Deusa!

5. Será que podemos descrever essa Tua forma que transcende o pensamento?
Ou a Tua bravura abundante insuperável que destruiu os Asuras?
Ou as Tuas façanhas extraordinárias que foram exibidas em batalhas
Entre todas as hostes de Asuras, deuses e outros, ó Deusa?

6. Tu és a causa de todos os mundos! Embora caracterizada pelas três qualidades, por falhas

Tu não és conhecida! Nem mesmo para Hari,
Hara e os outros deuses Tu és compreensível!
Tu és o refúgio de todos; Tu és esse mundo inteiro que é composto por partes!
Tu és realmente a Natureza[27] Sublime original não transformada!

7. Tu, cuja divindade completa por meio de expressão
Encontra satisfação em todos os sacrifícios, ó Deusa,
És de fato Svāhā, e dás satisfação às hostes de Pitṛs!
Por isso em verdade os homens declaram que Tu és Svadhā também.

8. Tu és Aquela que efetua a emancipação final e realiza grandes penitências que transcendem o pensamento!
Tu estudas com Teus órgãos, que são a essência da força, bem contidos!
Para os *munis*, que buscam a emancipação final e que se livraram de todos os defeitos,
Tu és o Conhecimento, adorável, sublime de fato, ó Deusa!

9. O som é Tua alma! Tu és o repositório dos hinos imaculadíssimos *ṛcs* e *yajus*,

---

[27] *Prakṛti*.

E dos *sāmans*, que possuem os textos encantadores do Ud-gītha!
Tu, como Deusa, és o triplo Veda, a Adorável, e para a existência e produção
De todos os mundos és ativa; Tu és a destruidora suprema das dores deles![28]

10. Tu és o Vigor Mental,[29] ó Deusa! Tu compreendeste a essência de todas as Escrituras!
Tu és Durgā; o barco para atravessar o difícil oceano da existência; desprovida de apegos!
Tu és Śrī, que plantou Seu domínio sozinha no coração do inimigo de Kaiṭabha!
Tu realmente és Gaurī, que fixou residência no deus coroado de lua!

11. Levemente sorridente, impecável, parecido com o orbe da lua cheia
Belo como o ouro mais seleto e adorável era o Teu rosto!
Contudo, foi extraordinário que, dominado pela ira,

---

[28] Esse meio verso admite mais de uma tradução. Eu adotei do comentário o que parece ser o significado mais natural. *Vārttā* parece obscuro; o comentário o explica como *vṛttānta-rūpā*, "que tem a forma dos eventos" ou "que tem a forma da história"; ou como *kṛṣi-go-rakṣādi-vṛttir*, "adotando as ocupações de cultivo, criação de gado e similares".
[29] *Medhā*.

O Asura Mahiṣa golpeou subitamente o Teu rosto quando o viu,

12. Mas após ver a Tua face enfurecida, ó Deusa, terrível com sua carranca,
E de cor brilhante como a lua nascente, aquele Mahiṣa
Não perdeu a vida imediatamente, isso foi muito extraordinário!
Pois quem pode viver depois de ver o Rei da Morte enfurecido?

13. Sê benevolente, ó Deusa, como Senhora Suprema, para com a vida!
Quando enfurecida, Tu destróis imediatamente famílias inteiras!
Conhecido nesse exato momento é isto: que aqui foi encerrado
O poder muito extenso do Asura Mahiṣa!

14. Estimados são eles entre as nações, deles são as riquezas,
Deles são glórias, e sua soma de retidão[30] não perece,
Felizes são eles, de fato, e eles têm filhos, servos e esposas devotados,
Aos quais Tu, satisfeita, sempre concedes prosperidade, ó Senhora!

---

[30] Ou “todo o grupo de parentes”, segundo a edição de Mumbai.

15. Todas as ações corretas sempre de fato, ó Deusa,
Com o maior respeito o homem de boas ações realiza diariamente,
E ganha o céu futuramente pela Tua graça, ó Senhora.
Tu por ele[31] não concedes recompensas até mesmo aos três mundos, ó Deusa?

16. Tu, ó Durgā, quando lembrada, acabas com o terror de toda criatura!
Tu, quando lembrada por aqueles com saúde, concedes uma mente extremamente brilhante!
Que Deusa senão Tu, ó dissipadora da pobreza, da dor e do temor,
Tem sempre pensamentos benevolentes a fim de trazer benefícios a todos?

17. Por meio da morte desses inimigos o mundo obtém[32] felicidade; então que esses
Realmente pratiquem o pecado de modo a descerem ao inferno por muito tempo![33]

---

[31] *Tena*, ou "portanto".
[32] Ou "que ele possa obter", de acordo com a edição de Mumbai.
[33] Esse parece ser um significado dado no comentário; outro, que parece preferível, é ler *nāma narakāya* como *na āma-*

“Encontrando a morte na batalha, que eles vão para o céu” –
Pensando assim, Tu indubitavelmente destróis os inimigos, ó Deusa!

18. Tendo realmente os visto, por que, ó Senhora, Tu não reduzes a cinzas
Todos os Asuras, já que Tu direcionas as Tuas armas contra os inimigos?
“Que até mesmo os inimigos, purificados pela morte por armas, alcancem em paz os mundos brilhantes” —
Essa é a Tua intenção muito bondosa até mesmo para com eles.

19. E embora nem pelos lampejos rápidos de luz abundante da Tua cimitarra,
Nem pelo brilho intenso da ponta da Tua lança os olhos dos Asuras
Tenham sido destruídos; quando eles olharam para o Teu semblante
Que ostentava uma porção da lua radiante, exatamente isso aconteceu.

20. A Tua disposição, ó Deusa, subjuga a conduta dos homens de má conduta;
E essa Tua forma supera o pensamento e a rivalidade de outros;

---

narakāya “que esses não pratiquem o pecado para descerem ao Inferno da Doença por muito tempo!”

E a Tua bravura vence aqueles que roubaram as proezas dos deuses;
Tu, por assim dizer,[34] manifestaste piedade até mesmo nos inimigos!

21. A que pode ser comparada essa Tua destreza?
E ao que a Tua forma muito encantadora, que causa medo entre os inimigos?
Compaixão na mente e implacabilidade na batalha são vistas
Em Ti, ó Deusa, que concedes dádivas aos três mundos!

22. Por meio da destruição dos inimigos, esses três mundos inteiros
Foram salvos por Ti. Tendo-os matado na frente de batalha
Tu levaste até mesmo aquelas hostes de inimigos para o céu e dissipaste o medo
Que nos cerca dos inimigos frenéticos dos deuses. Reverências a Ti!

23. Com Tua lança protege-nos, ó Deusa!
Protege-nos também com Tua espada, ó Ambikā!
Pelo toque do Teu sino, protege-nos,
E pela vibração da corda do Teu arco!

---

[34] Ou “Tu realmente manifestaste”, como na edição de Mumbai.

24. No leste guarda-nos, e no oeste;
Ó Caṇḍikā, guarda-nos no sul
Pelo brandir da Tua lança,
E também no norte, ó Deusa!

25. Todas as Tuas formas gentis que vagam pelos três mundos,
E todas as formas extremamente terríveis que vagam, por meio delas protege a nós e a terra!

26. Tua espada e lança e bastão, e todas as outras armas, ó Ambikā,
Repousam em Tua mão flexível, com elas nos protege por todos os lados!

O ṛṣi falou:

27. Assim Ela, a Sustentadora dos mundos, foi louvada pelos deuses, e eles a honraram com flores celestiais que desabrochavam em Nandana, e com perfumes e unguentos.

28. Além disso, todos os trinta deuses na fé a incensaram com incensos celestiais. De semblante benignamente agradável, Ela falou com todos os deuses prostrados.

A Deusa falou:

29. Escolham, todos vocês, trinta! o que vocês querem de mim, pois eu o concederei com prazer, tendo sido altamente honrada por esses hinos.[35]

Os deuses falaram:

30. Tu, ó senhora adorável, realizaste tudo, nada resta a ser feito, pois esse Asura Mahiṣa, nosso inimigo, foi morto.

31. Porém, se tu queres nos conceder uma bênção, ó Grande Deusa! sempre que Te chamarmos, nos lembrarmos de Ti, que Tu acabes com as nossas calamidades mais terríveis!

32. E todo mortal que Te louvar com esses hinos, que Tu te inclines sempre, ó Senhora de semblante imaculado, a fazê-lo prosperar com fortuna e esposa e outras bênçãos por meio de riquezas, sucesso e poder, ó Ambikā, que és auspiciosa para nós!

O ṛṣi falou:

33. Após ser assim propiciada pelos deuses em seu próprio interesse e para o bem do mundo, Bhadrakālī

---

[35] A edição de Mumbai insere aqui outro verso: "'E tudo o mais que precisa ser feito, eu não considero difícil'. Após ouvirem esse discurso da Deusa, aqueles habitantes do céu responderam."

disse “Assim seja!” e desapareceu da vista deles, ó rei.

34. Assim eu narrei, ó rei, como a Deusa surgiu outrora a partir dos corpos dos deuses, Ela que deseja o bem de todos os três mundos.

35-36. E novamente Ela veio à existência tendo o corpo de Gaurī, assim como havia feito anteriormente, para matar os Daityas perversos e Śumbha e Niśumbha, e para preservar os mundos, como Benfeitora dos deuses. Ouça então o que eu narrarei. Eu de fato te contarei tudo.

◀

❀ ❀ ❀

Canto V – A Conversa da Deusa com o Mensageiro do Asura

———

Os Asuras Śumbha e Niśumbha derrotam os deuses e os expulsam do céu. — Os deuses invocam Caṇḍikā em Himavat com um hino, apelando a Ela com todos os seus atributos para ajudá-los. — Pārvatī chega lá e Caṇḍikā brota do corpo dela. — Os servos de Śumbha e Niśumbha a veem e exaltaram sua beleza perfeita para Śumbha. — Ele envia um mensageiro para convidá-la a se casar com ele. — Ela explica que devido a um voto Ela não pode se casar com alguém que não a venceu em batalha.

———

O ṛṣi falou:

1. Antigamente, os Asuras Śumbha e Niśumbha, confiando em seu orgulho e força, roubaram do senhor de Śaci os três mundos e as porções dele dos sacrifícios.

2. Ambos usurparam igualmente a dignidade do Sol e o domínio da Lua, e o de Kuvera e Yama e de Varuṇa.

3. E ambos assumiram a autoridade de Vāyu e a esfera de ação de Agni.[36] Assim, os deuses se dispersaram, desprovidos de suas soberanias e derrotados.

4. Todos os trinta deuses, destituídos de sua soberania e desprezados por aqueles dois grandes Asuras, se lembraram daquela Deusa invicta.

5. "Tu nos concedeste a bênção:[37] 'Quando vocês sob infortúnio se lembrarem de mim, naquele exato momento eu porei fim a todas as suas mais terríveis calamidades'".

6. Tomando essa decisão, os deuses foram até Himavat, o senhor das montanhas, e lá formularam seu hino à Deusa, que é o poder ilusório de Viṣṇu.[38]

Os deuses falaram:

7. Reverências à Deusa, à Grande Deusa!
Reverências perpétuas a Ela que é auspiciosa!
Reverências a Prakṛti a benigna!
Submissos caímos prostrados diante d'Ela!

8. Reverências a Ela que é terrível, a Ela que é constante!

---

[36] A edição de Mumbai insere uma linha aqui: "e eles próprios assumiram os domínios dos outros deuses".
[37] Veja o Canto IV, verso 31.
[38] *Viṣṇu-māyā*.

A Gaurī, a Dhātrī reverências, sim, reverências!
E à Luz da Lua,[39] a Ela que tem a forma da Lua,
A Ela que é feliz, reverências contínuas!

9. Caindo prostrados, a Ela que é propícia, à Prosperidade,[40]
À Perfeição, vamos prestar[41] reverências, sim, reverências!
A Nirṛti,[42] à Deusa da Boa Fortuna dos reis,
A Ti, Śarvāṇī, reverências, sim, reverências!

10. A Durgā, a Ela que é uma margem distante difícil de ser alcançada,[43]
A Ela que é essencial, a Ela que produz todas as coisas,
E à Fama também, a Ela que é preta azulada,[44]
Reverências contínuas a Ela que é escura como fumaça!

11. Diante d'Ela, que é ao mesmo tempo a mais gentil e a mais cruel,
Nós caímos prostrados; reverências a Ela, sim, reverências!

---

[39] *Jyotsnāyai*.
[40] A edição de Mumbai diz: "a Ela que é gentil".
[41] *Kurmo*; a edição de Mumbai diz *Kūrmyai*, "à Tartaruga".
[42] Dissolução.
[43] *Durga-pārāyai*.
[44] *Kṛṣṇāyai*.

Reverências a Ela que é a base do mundo!
À Deusa que é Ação, reverências, sim, reverências!

12. À Deusa que entre todas as coisas criadas
É chamada de poder ilusório de Viṣṇu,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

13. À Deusa que entre todos os seres criados
Leva o nome de Consciência,[45]
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

14. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme[46] com a forma do Intelecto,[47]
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

15. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma do Sono,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

16. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma da Fome,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

---

[45] *Cetanā*.
[46] Ou “reside”.
[47] *Buddhi-rūpeṇa.*

17. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma da Sombra,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

18. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma de Energia,[48]
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

19. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma da Sede,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

20. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma da Paciência,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

21. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma da Especialidade,[49]
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

22. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma da Modéstia,

---

[48] *Śakti-rūpeṇa.*
[49] *Jāti.*

Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

23. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma da Índole Pacífica,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

24. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma da Fé,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

25. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma da Amabilidade,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

26. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme na forma da Boa Fortuna,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências![50]

27. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma da Atividade,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

---

[50] A edição de Mumbai insere aqui um verso semelhante, invocando a deusa na forma da Constância (*dhṛti*).

28. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma da Memória,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

29. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma da Misericórdia,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências![51]

30. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma do Contentamento,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

31. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma da Mãe,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

32. À Deusa que entre todos os seres criados
Permanece firme com a forma do Erro,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

33. A Ela que governa os órgãos dos sentidos
Dos seres criados e governa entre todos

---

[51] Após esse verso e após o verso 30, a edição de Mumbai insere dois versos semelhantes, invocando a deusa na forma da Boa Diplomacia (*nīti*) e Nutrição (*puṣṭi*), respectivamente.

Os seres criados perpetuamente – a Ela
À Deusa da Ubiquidade, reverências, sim, reverências!

34. A Ela que existe permeando todo esse
Mundo com a forma da Mente Pensante,
Reverências a Ela, sim, reverências a Ela!
Reverências a Ela, reverências, sim, reverências!

35. Louvada pelos deuses outrora devido à proteção avidamente desejada,
E servida pelo senhor dos deuses por muitos dias,
Que Ela, a Deusa, a origem do brilho, realize para nós
Coisas brilhantes, sim, coisas boas, e afaste as calamidades!

36. E Ela, que é reverenciada como a Rainha por nós, deuses,
Que somos atormentados agora pelos Daityas arrogantes,
E de quem nos lembramos ao curvarmos nossos corpos com fé,
Ela nesse exato momento destrói[52] todas as nossas calamidades!

O ṛṣi falou:

---

[52] *Hantu*, “que ela destrua”, seria melhor que *hanti*.

37. Enquanto os deuses estavam assim ocupados em oferecer hinos e outros atos de reverência, Pārvatī foi até lá para se banhar nas águas do Ganges, ó príncipe.

38. Ela, a de belas sobrancelhas, disse àqueles deuses: “A quem vocês, senhores, louvam aqui?” E brotando da tesouraria do corpo dela, a Deusa auspiciosa falou:

39. “Para mim esse hino é proferido pelos deuses reunidos, que foram desprezados pelo Daitya Śumbha e derrotados em batalha por Niśumbha”.

40.Como Ambikā surgiu da tesouraria[53] do corpo de Pārvatī, portanto, na canção Ela é chamada de Kauṣikī[54] entre todos os mundos.

41. Agora, depois que Ela surgiu, a outra também, Pārvatī, tornou-se Kṛṣṇā; Ela é celebrada como Kālikā; Ela fixou residência no Monte Himavat.

42. Em seguida, Caṇḍa e Muṇḍa, os dois servos de Śumbha e Niśumbba, viram Ambikā exibindo sua forma sublime e muito cativante; e ambos disseram a Śumbha.

---

[53] *Koṣa*; mas *kośa* é melhor.
[54] *Kauśikā* é melhor.

43-44. Nesse momento, que mulher extraordinariamente cativante mora aqui, iluminando o Monte Himavat, ó grande rei? Tamanha beleza sublime nunca foi vista de fato por ninguém em lugar nenhum; que seja verificado se ela é alguma deusa, e que ela seja capturada, ó senhor dos Asuras.

45. Uma joia entre as mulheres, de corpo extraordinariamente belo, iluminando as regiões do céu com seu brilho, lá está ela então, ó senhor dos Daityas; digne-se, senhor, a olhar para ela.

46. Além disso, todas as gemas, pedras preciosas, elefantes, cavalos e outras coisas valiosas que realmente existem nos três mundos, ó senhor, todas elas exibem seu esplendor nesse momento em sua casa.

47. Airāvata, a joia entre os elefantes, foi capturado de Purandara; e essa árvore Pārijāta e também o cavalo Uccaiḥśravas.

48. Aqui está a carruagem celestial atrelada a cisnes no seu pátio; ela foi trazida para cá, a carruagem maravilhosa composta de pedras preciosas, que pertencia a Brahmā.

49. Aqui está o Nidhi Mahāpadma,[55] capturado do Senhor da Riqueza. E o Oceano deu uma guirlanda feita de filamentos e flores de lótus imperecíveis.

50. Em sua casa está o guarda-sol de Varuṇa, coberto de ouro. E aqui está a carruagem excelente que pertencia a Prajāpati.

51. Você, ó senhor, arrebatou o poder da Morte denominado Utkrānti-dā.[56] O laço do Rei do Oceano está em posse do seu irmão.

52. E Niśumbha tem todos os tipos de gemas que são produzidas no mar. Agni também deu a você duas vestimentas purificadas pelo fogo.

53. Assim, ó senhor dos Daityas, todas as pedras preciosas foram capturadas por você; por que você não arrebata essa dama auspiciosa, essa joia entre as mulheres?

O ṛṣi falou:

54. Śumbha, ao ouvir esse discurso de Caṇḍa e Muṇḍa, enviou o grande Asura Sugrīva como mensageiro à Deusa, dizendo:

---

[55] O *nidhi* [tesouro] conhecido pelo nome de *Mahāpadma* garante o domínio sobre todas as pedras preciosas do universo. Veja o *Mārkaṇḍeya Purāṇa,* cap. 68, v. 12.
[56] “Que dá uma saída”, “que concede partida”.

55. “Vá e se dirija a ela assim e assim de acordo com as minhas palavras, e conduza o assunto com leveza para que ela possa vir a mim por vontade própria.”

56. Ele foi até onde a Deusa estava sentada em um ponto muito iluminado na montanha e falou gentilmente com voz melíflua.

O mensageiro falou:

57. Ó deusa! Śumbha, o senhor dos Daityas, é o senhor supremo dos três mundos. Eu sou um mensageiro, enviado por ele; à tua presença vim aqui.

58. Ouça o que disse ele, cujo comando nunca encontra resistência entre todos os seres de origem divina, e que derrotou todos os inimigos dos Daityas:

59. ‘Todos os três mundos são meus; os deuses obedecem à minha autoridade, eu como cada porção dos sacrifícios separadamente.

60. As melhores joias dos três mundos estão sob o meu poder; e também os melhores elefantes e a carruagem do senhor dos deuses, já que eu os capturei.

61. Aquela joia entre os cavalos, chamado Uccaiḥ-śravasa, que surgiu do batimento do oceano de leite, foi-me presenteado pelos imortais que se prostraram diante de mim.

62. E todas as outras coisas criadas na forma de pedras preciosas que existiam entre os deuses, Gandharvas e Nāgas, elas foram oferecidas a mim, ó dama brilhante.

63. Eu te considero, ó deusa, como a joia das mulheres no mundo; tu, que és assim, aproxima-te de mim, já que sou um apreciador de joias.

64. Aproxima-te de mim, ou do meu irmão mais novo Niśumbha de destreza de vasto alcance, ó dama de olhares rápidos, já que tu és de fato uma joia.

65. Tu obterás domínio supremo incomparável ao te casares comigo. Entende e considera isso, e casa-te comigo'."

O ṛṣi falou:

66. Assim abordada, a Deusa, sorrindo profundamente consigo mesma, Ela, Durgā, a adorável e boa, que sustenta esse mundo, cantou esta resposta então.

A Deusa falou:

67. Você falou a verdade; você não falou nenhuma mentira aqui. O Soberano dos três mundos é Śumbha, e semelhante a ele é Niśumbha também!

68. Mas como é que aquilo que foi prometido a meu respeito pode ser conduzido falsamente? Ouça o voto que fiz anteriormente devido ao meu pouco entendimento naquela época:

69. “Aquele que me vencer em luta, que tirar de mim o orgulho, e que for meu igual em força no mundo, ele será meu marido.”

70. Que Śumbha venha aqui então, ou Niśumbha o grande Asura; que ele me vença – qual a necessidade de demora aqui? e que ele aceite rapidamente a minha mão em casamento!

O mensageiro falou:

71. Tu és orgulhosa! Não fales assim diante de mim, ó Deusa! Qual homem nos três mundos poderia resistir a Śumbha e Niśumbha?

72. De fato todos os deuses não enfrentam sequer os outros Daityas em batalha, ó Deusa; quanto menos você poderia fazer isso, uma mulher sozinha!

73. Como é que tu, uma mulher, ousarias enfrentar Śumbha e aqueles outros Daityas contra os quais Indra e todos os outros deuses não resistiram em batalha?

74. Tu, sendo assim, a quem eu realmente entreguei a minha mensagem, aproxima-te de Śumbha e Niśumbha; que não ocorra de ires com a tua dignidade abalada, sendo arrastada para lá pelos teus cabelos!

A Deusa falou:

75. Tão forte é Śumbha! e tão heroico é Nīsumbha! O que posso fazer, já que existe a minha promessa irrefletida de muito tempo atrás?

76. Vá você mesmo; revele respeitosamente ao senhor dos Asuras tudo o que eu lhe disse, e que ele faça o que for apropriado.

◀

❀ ❀ ❀

Canto VI – A Morte de Dhūmralocana

———

A morte do general de Śumbha e Niśumbha, Dhūmralocana. Śumbha envia seu general Dhūmralocana e um exército para capturar a Deusa e Ela os destrói. Ele então despacha Caṇḍa e Muṇḍa com outro exército.

———

O ṛṣi falou:

1. O mensageiro, ao ouvir esse discurso da Deusa, ficou cheio de indignação e, aproximando-se, relatou-o completamente ao rei Daitya.

2. O monarca Asura então, depois de ouvir o relatório do mensageiro, ficou furioso e ordenou Dhūmralocana, um comandante dos Daityas:

3. “Ho! Dhūmralocana, se apresse junto com seu exército; busque à força aquela megera, que ficará debilitada quando for arrastada pelos cabelos.

4. Ou se algum outro homem se levantar para oferecer a salvação dela, que ele seja morto, seja um Imortal, um Yakṣa ou um Gandharva realmente.”

O ṛṣi falou:

5. Então, sob o comando dele, o Daitya Dhūmralocana partiu imediatamente, acompanhado por sessenta mil Asuras.

6-7. Ao ver a Deusa posicionada na montanha nevada, ele gritou ruidosamente para ela: “Aproxima-te da presença de Śumbha e Niśumbha; ó dama, se tu não te aproximares com afeto do meu mestre agora, eu aqui te levarei à força, e tu ficarás enfraquecida já que serás arrastada pelos teus cabelos!

A Deusa falou:

8. Enviado pelo rei dos Daityas, tu mesmo sendo poderoso, e acompanhado por um exército, leva-me à força então – o que posso fazer contigo?

O ṛṣi falou:

9-11. A essa resposta o Asura Dhūmralocana correu na direção dela. Então Ambikā com um mero rugido o reduziu a cinzas. E o grande exército de Asuras enfurecidos derramou sobre Ambikā uma chuva de flechas afiadas e de dardos e machados.

12. O leão que carregava a Deusa, sacudindo a juba em fúria e emitindo um rugido terrível, caiu sobre o exército de Asuras; ele matou alguns Asuras com um golpe de sua pata dianteira, e outros com a boca, e

outros, Asuras muito grandes, golpeando-os com a pata traseira.

13. O leão com suas garras arrancou as entranhas de alguns e cortou a cabeça de outros com um golpe tipo manguito.

14. E ele cortou braços e cabeças de alguns, e sacudindo a juba bebeu o sangue que escorria das entranhas de outros.

15. Em um momento todo aquele exército foi destruído pelo leão enérgico, que carregava a Deusa e que estava extremamente enfurecido.

16-17. Quando soube que o Asura Dhūmralocana fora morto pela Deusa, e que todo o seu exército também havia sido destruído pelo leão da Deusa, Śumbha, o senhor dos Daityas, ficou furioso e seus lábios tremeram muito, e ele ordenou os dois Asuras poderosos, Caṇḍa e Muṇḍa:

18. “Ho, Caṇḍa! Ho, Munda! levem consigo uma multidão de tropas e vão até lá; e chegando lá tragam-na aqui rapidamente, arrastando-a pelos cabelos ou amarrando-a.

19-20. Se vocês tiverem dúvidas sobre isso, então que ela seja morta em luta por todos os Asuras brandindo todas as suas armas. Quando aquela

megera for morta e seu leão abatido, agarrem Ambikā, amarrem-na e tragam-na rapidamente!”

◀

❀ ❀ ❀

Canto VII – A Morte de Caṇḍa e Muṇḍa

———

A Deusa Kālī destrói o segundo exército Asura e também os generais Caṇḍa e Muṇḍa – Caṇḍikā dá a Kālī como recompensa o nome de Cāmuṇḍā.

———

O ṛṣi falou:

1. Então, sob as ordens dele, os Daityas, liderados por Caṇḍa e Muṇḍa e dispostos em uma ordem de batalha quádrupla, marcharam com armas erguidas.

2. Eles logo avistaram a Deusa, levemente sorridente, sentada sobre o leão, sobre um enorme pico dourado da montanha majestosa.

3. Ao vê-la, alguns deles fizeram um grande esforço para capturá-la, e outros se aproximaram dela segurando os arcos curvados e as espadas desembainhadas.

4. Com isso Ambikā expressou sua ira ruidosamente contra aqueles inimigos, e seu semblante então ficou escuro como carvão em sua ira.

5-7. Da superfície de sua testa, que estava franzida, surgiu de repente Kālī de semblante terrível, armada com uma espada e um laço, portando um cajado

multicolorido com uma caveira no topo, enfeitada com uma guirlanda de caveiras, vestida em uma pele de tigre, apavorante devido à sua carne emaciada, boca extremamente larga, língua terrivelmente pendente, olhos profundos e avermelhados e enchendo as regiões do céu com seus rugidos.

8. Ela atacou os grandes Asuras impetuosamente, causando massacre entre o exército, e devorou aquele exército de inimigos dos deuses.

9. Pegando os elefantes com uma das mãos, Ela os jogava na boca, junto com seus protetores de retaguarda e condutores e seus passageiros guerreiros e sinos.

10. Jogando na boca igualmente os guerreiros com seus cavalos e carruagens com seus condutores, Ela os triturava de forma assustadora com os dentes.

11. Ela agarrava um pelos cabelos e outro pelo pescoço; e Ela chutava outro com o pé e esmagava outro contra o peito.

12. E Ela agarrava com a boca os armamentos e as grandes armas que aqueles Asuras abandonavam, e os esmagava com os dentes em sua fúria.

13-14. Ela esmagou toda aquela hoste de Asuras poderosos e espirituosos; e devorou alguns e

espancou outros; alguns foram mortos com sua espada, alguns foram atingidos por seu cajado de cabeça de caveira, e outros Asuras encontraram a morte sendo feridos pela ponta dos dentes dela.

15. Ao ver toda aquela hoste de Asuras derrotada em um instante, Caṇḍa avançou contra Ela, Kālī, que era extremamente terrível.

16. Muṇḍa o grande Asura cobriu a Deusa de olhos terríveis com chuvas terríveis de flechas e com discos lançados aos milhares.

17. Aqueles discos pareciam estar penetrando em seu rosto em multidões, como muitos orbes solares podiam penetrar o corpo de uma nuvem de trovão.

18. Nisso, Kālī, que rugia assustadoramente, riu terrivelmente com fúria extrema, mostrando o brilho de seus dentes disformes dentro de sua boca horrível.

19. E a Deusa, montada em seu grande leão, avançou contra Caṇḍa, e agarrando-o pelos cabelos cortou a cabeça dele com a espada.

20. E Muṇḍa também avançou contra Ela quando viu Caṇḍa abatido; Ela também o derrubou ao chão, atingido por sua cimitarra em sua fúria.

21. Então o exército, pelo menos aqueles que escaparam vivos, ao ver Caṇḍa derrotado e o valente Muṇḍa também, tomado de pânico, fugiu em todas as direções.

22. E Kālī, segurando a cabeça de Caṇḍa e a de Muṇḍa também, aproximou-se de Caṇḍikā e disse, com a voz misturada com uma risada alta impetuosa:

23. “Aqui eu te trouxe Caṇḍa e Muṇḍa, dois grandes animais; Tu mesmo matarás Śumbha e Niśumbha no sacrifício de batalha.”

O ṛṣi falou:

24-25. Então, ao ver aqueles dois grandes Asuras Caṇḍa e Muṇḍa trazidos para si, a auspiciosa Caṇḍikā falou a Kālī estas palavras espirituosas: “Porque tu agarraste Caṇḍa e Muṇḍa e os trouxeste, tu, ó Deusa, serás famosa no mundo pelo nome de Cāmuṇḍā!”

◀

❀ ❀ ❀

Canto VIII – A Morte de Raktavīja

———

Śumbha envia todos os seus exércitos contra Caṇḍikā — Para ajudá-la, as energias (Śaktis) dos deuses assumem forma corpórea — Caṇḍikā envia Śiva para propor termos de paz a Śumbha, mas as hostes Asura A atacam e a batalha começa — a luta de Caṇḍikā contra o grande Asura Raktavīja é descrita – Ele é morto.

———

O ṛṣi falou:

1-2. Depois que o Daitya Caṇḍa foi morto e Muṇḍa foi abatido, e muitos soldados foram destruídos, o senhor dos Asuras, o majestoso Śumbha, com a mente dominada pela ira, deu ordem então para organizar todas as hostes Daitya.

3-4. “Agora que os oitenta e seis Daityas, erguendo suas armas, marchem com todas as tropas; que os oitenta e quatro Kambūs[57] marchem cercados por suas próprias forças; que as cinquenta famílias Asura que se destacam em bravura avancem.

[57] *Kambū* significa ladrão ou saqueador. O comentário diz que *Kambūs* são uma classe de Daityas.

5. Que as cem famílias de Dhaumras[58] partam ao meu comando. Que os Kālakas,[59] os Danrhṛtas,[60] os Mauryas,[61] e os Kālakeyas,[62] – que esses Asuras, apressando-se ao meu comando, marchem prontos para a batalha."

6. Após emitir essas ordens, Śumbha, o senhor dos Asuras, que governava pelo medo, partiu, acompanhado por muitos milhares de grandes soldados.

7. Caṇḍikā, ao ver aquele exército terrível próximo, preencheu o espaço entre a terra e o firmamento com o som da corda de seu arco.

8. Nisso o leão dela rugiu muito alto, ó rei; e Ambika aumentou esses rugidos com o toque de seu sino.

---

[58] "Os descendentes de Dhūmra". *Dhūmras* é a leitura da edição de Mumbai. Eles são uma classe de Daityas.
[59] Um grupo de Dānavas.
[60] A edição de Mumbai diz Daurhṛdas, "os descendentes de Durhṛd".
[61] "Os descendentes de Mura". Mura ou Muru é geralmente citado em conexão com Prāgjyotiṣa; por exemplo, *Mahābhārata*, Sabhā-P., cap. 14 (p. 32 da tradução em português); Vana-P., cap. 12 (p. 35, "Mauravas"); e Udyoga-P., cap. 48 (p. 112).
[62] Um grupo de Dānavas. Eles são mencionados no *Mahābhārata*, Sabhā-P., cap. 4 (p. 10 da tradução em português); Udyoga-P., cap. 159 (p. 282) e Vana-P., cap. 100 (p. 201).

9. Kāli, enchendo as regiões do céu com o barulho da corda de seu arco, de seu leão e de seu sino, e expandindo sua boca com seus rugidos terríveis, predominou.[63]

10. Ao ouvirem aquele rugido que encheu as quatro regiões do céu, os exércitos Daitya enfurecidos[64] cercaram o leão da Deusa e Kāli.

11-12. Nesse momento, ó rei, para destruir os inimigos dos deuses, e para o bem dos Imortais semelhantes a leões, brotaram providas de vigor e força extrema as Energias[65] dos corpos de Brahmā, Śiva, Guha e Viṣṇu e de Indra também, e nas formas daqueles deuses elas foram até Caṇḍikā.

13. Qualquer que fosse a forma de cada deus, e quaisquer que fossem seus ornamentos e veículos, naquela exata aparência a Energia dele avançou para lutar contra os Asuras.

14. Na frente de um carro celeste puxado por cisnes avançou a Energia de Brahmā, carregando um

---

[63] *Jigye*; *ji* é aqui usado sozinho no Ātmanepada. O comentário fornece "venceu os inimigos" como uma tradução alternativa. Ele menciona *jajñe* como uma leitura alternativa, que significa então "expandiu bem a boca com seus rugidos terríveis".
[64] A edição de Mumbai diz "com multidões de flechas".
[65] *Śaktayaḥ*.

rosário de sementes e um vaso de barro para água; ela se chama Brahmāṇī.

15. A Energia de Maheśvara, sentada em um touro, segurando um belo tridente e usando um cinto de grandes cobras, chegou, adornada com um dígito da lua.

16. E a Energia de Kumāra, Ambikā, com lança na mão e montada em um pavão excelente, avançou na forma de Guha para atacar os Daityas.

17. Da mesma forma, a Energia de Viṣṇu, montada em Garuḍa, avançou com concha, disco, clava, arco e cimitarra na mão.

18. A Energia de Hari, que assume a forma incomparável de um javali sacrifical, também avançou assumindo uma forma suína.

19. A Energia de Nṛsiṃha assumindo um corpo como o de Nṛsiṃha chegou lá, adornada com um aglomerado de constelações derrubadas pelo movimento de sua juba.

20. Igualmente a Energia de Indra, com um raio na mão, sentada sobre o senhor dos elefantes e tendo mil olhos, chegou; de fato ela era como Śakra.

21. Então aquelas Energias dos deuses cercaram Śiva. Ele disse a Caṇḍikā: “Que os Asuras sejam mortos imediatamente pela minha boa vontade”.

22. Então do corpo da Deusa surgiu a Energia de Caṇḍikā, a mais terrível, extremamente feroz, uivando como uma centena de chacais.

23. E Ela, a invencível, disse a Śiva, que era cor de fumaça e tinha cabelos emaranhados: “Sê tu, meu Senhor, um mensageiro à presença de Śumbha e Niśumbha.

24-26. Dize aos dois Dānavas arrogantes, Śumbha e Niśumbha, e a quaisquer outros Dānavas que estejam reunidos lá para lutar: 'Deixem Indra obter os três mundos, deixem os deuses serem os desfrutadores das oblações; vão para Pātāla se vocês quiserem viver. Porém, se por orgulho de sua força vocês ansiarem pela batalha, venham então! Deixem os meus chacais se saciarem com a sua carne’”.

27. Visto que a Deusa nomeou o próprio Śiva como embaixador, ela dali em diante ficou famosa como Śivadūtī nesse mundo.

28. Aqueles grandes Asuras, no entanto, ao ouvirem o discurso da Deusa totalmente anunciado, ficaram

cheios de indignação e foram para onde Kātyāyanī[66] estava.

29. Então, logo no início, os inimigos arrogantes e indignados dos Imortais na vanguarda derramaram sobre a Deusa chuvas de flechas, dardos e lanças.

30. E graciosamente Ela cortou aquelas flechas, dardos, discos e machados, que foram lançados, com grandes flechas disparadas de seu arco ressonante.

31. E então, na frente dela, Kālī atacou, dilacerando os inimigos com o ataque de seus dardos e esmagando-os com seu cajado de topo de caveira.

32. E Brahmāṇī fez com que os inimigos perdessem a coragem ao jogar água sobre eles do seu vaso de barro, e enfraquecia o vigor deles, qualquer que fosse o caminho que ela percorresse.

33. A Energia de Maheśvara matava Daityas com seu tridente, e a Energia de Viṣṇu com seu disco, e a Energia de Kumāra, muito irada, os matava com seu dardo.

---

[66] Um nome de Caṇḍikā.

34. Fragmentados pela queda do raio arremessado pela Energia de Indra, Daityas e Dānavas caíam ao chão às centenas, derramando torrentes de sangue.

35. Despedaçados pela Energia de corpo suíno com golpes de seu focinho, feridos no peito pelas pontas das presas dela e dilacerados por seu disco, os demônios caíam.

36. E a Energia de Nṛsiṃha vagava pela batalha, devorando outros grandes Asuras que eram dilacerados por suas garras, enquanto ela enchia a região intermediária do céu com seu rugido.

37. Asuras, desmoralizados por Śivadūtī com suas risadas violentas, caíam ao chão; ela então devorara os caídos.

38. Ao verem o grupo enfurecido de Mães[67] esmagando os grandes Asuras dessa maneira por vários métodos, as tropas dos inimigos dos deuses pereceram.

39. Raktavīja, um grande Asura, ao ver os Daityas, que eram duramente pressionados pelo grupo de Mães, pretendendo fugir, avançou furioso para lutar.

---

[67] *Matṛ-gaṇa*; ou seja, as Energias.

40. Quando do seu corpo caía ao chão uma gota de sangue, naquele momento brotava da terra um Asura da estatura dele.

41-42. Ele, um grande Asura, com o bastão na mão lutou contra a Energia de Indra, e a Energia de Indra então atingiu Raktavīja com seu raio; o sangue fluiu rapidamente dele quando ferido pelo raio.

43. Então se ergueram juntos novos combatentes, de corpo parecido com o dele, semelhantes a ele em valor; pois de cada gota de sangue que caía de seu corpo surgia um homem similar a ele em coragem, força e bravura.

44. E também aqueles homens que nasceram do sangue dele lutaram lá com as Mães em um combate terrível devido ao alcance de suas armas muito afiadas.

45. E novamente quando a cabeça dele foi ferida pela queda do raio dela, seu sangue jorrou; daí nasceram homens aos milhares.

46. E a Energia de Viṣṇu atingiu esse inimigo com seu disco na batalha. A Energia de Indra golpeou aquele senhor dos Asuras com sua maça.

47. O mundo se encheu de milhares de grandes Asuras que eram iguais a ele e que surgiram do

sangue que saiu dele quando fendido pelo disco da Energia de Viṣṇu.

48. A Energia de Kumāra atingiu o grande Asura Raktavīja com sua lança, e a Energia de Varāha também o atingiu com sua espada, e a Energia de Mabeśvara com seu tridente.

49. E o Daitya Raktavīja, aquele grande Asura, cheio de ira, atingiu cada uma das Mães com sua maça.

50. Pelos jorros de sangue que caíram dele no chão quando ele recebeu muitos ferimentos de lanças, dardos e outras armas, Asuras realmente surgiram às centenas.

51. E aqueles Asuras que brotaram do sangue daquele Asura permearam o mundo inteiro; nisso os deuses ficaram aterrorizados.

52-53. Ao ver os deuses desanimados, Caṇḍikā falou apressadamente; Ela disse a Kālī: "Ó Cāmuṇḍā! estique bem a boca; com essa boca engula rapidamente os grandes Asuras, que são as gotas de sangue, que surgem de Raktavīja quando a minha arma o atinge.

54. Vagueie na batalha, devorando os grandes Asuras surgidos dele; assim esse Daitya com seu sangue escorrendo será destruído.

55. Esses demônios ferozes serão devorados por ti e ao mesmo tempo nenhum outro será produzido.”

56. Tendo ordenado isso a ela, a Deusa o atingiu em seguida com seu dardo. Kālī engoliu o sangue de Raktavīja com a boca.

57. Então ele atingiu Caṇḍikā com sua maça; e o golpe da arma dele não causou nem a mínima dor a ela, mas do corpo ferido o sangue fluía copiosamente, e de qualquer direção que ele viesse, Cāmuṇḍā o bebia então com sua boca.

58. Com os grandes Asuras surgidos do fluxo de sangue em sua boca, Cāmuṇḍā os devorou e bebeu o sangue dele.

59. A Deusa atingiu Raktavīja com seu dardo, seu raio, flechas, espadas e lanças, e Cāmuṇḍā bebeu o sangue dele.

60-61. Atingido por aquela multidão de armas, ele caiu na superfície da terra, e o grande Asura Raktavīja ficou exangue, ó rei. Nisso os trinta deuses obtiveram uma alegria sem igual, ó rei. O grupo de Mães surgido deles começou a dançar, inebriadas de sangue.

◀

❀ ❀ ❀

Canto IX – A Morte de Niśumbha

———

Niśumbha ataca a Deusa Caṇḍikā e é derrotado em um duelo. — Śumbha vem em seu auxílio, mas a Deusa o repele e mata Niśumbha — Vários Asuras são destruídos.

———

O rei falou:

1-2. Extraordinário é o que tu, Senhor, me contaste, a majestade das façanhas da Deusa em relação à morte de Raktavīja; e eu quero ouvir mais sobre o que Śumbha fez depois que Raktavīja foi morto, e também o que o irascível Niśumbha fez.

O ṛṣi falou:

3. Depois que Raktavīja e outros demônios foram mortos na luta, o Asura Śumbha cedeu a uma ira descontrolada, e Niśumbha também.

4. Expressando sua indignação ao ver o seu grande exército sendo massacrado, Niśumbha então avançou com o grupo mais nobre do exército Asura.

5. Na frente dele e atrás e em ambos os lados grandes Asuras, mordendo os lábios e enfurecidos, avançaram para matar a Deusa.

6. Śumbha também avançou, de bravura poderosa, cercado por suas próprias tropas, para matar Caṇḍikā em sua fúria, após travar uma batalha com as Mães.

7. Então ocorreu um combate desesperado entre a Deusa e Śumbha e Niśumbha, em que ambos, como duas nuvens de trovão, lançaram uma tempestuosa chuva de flechas sobre Ela.

8. Caṇḍikā com miríades de flechas rapidamente partiu as flechas disparadas por eles, e feriu os dois senhores Asura em seus membros com numerosas armas.

9. Niśumbha segurando uma cimitarra afiada e um escudo brilhante atingiu o leão, o nobre animal que carregava a Deusa, na cabeça.

10. Quando seu animal foi atingido, a Deusa rapidamente cortou a espada imponente de Niśumbha com uma flecha em forma de ferradura, e também seu escudo que retratava oito luas.

11. Quando seu escudo foi partido e sua espada também, o Āsura arremessou uma lança; e aquele seu míssil também, quando se aproximou dela, Ela partiu em dois com seu disco.

12. Então Niśumbha, o Dānava, cheio de raiva, agarrou um dardo; e esse também, quando se aproximou, a Deusa despedaçou com um golpe de seu punho.

13. E então mirando[68] sua maça ele a lançou contra Caṇḍikā, mas ela foi despedaçada pelo tridente da Deusa e se tornou cinzas.

14. Enquanto aquele Daitya majestoso avançava com o machado de batalha na mão, a Deusa o atingiu com uma infinidade de flechas e o derrubou no chão.

15. Quando seu irmão Niśumbha, de destreza terrível, caiu ao chão, Śumbha em extrema fúria avançou para matar Ambikā.

16. E ele, permanecendo em sua carruagem, parecia preencher o céu inteiro com seus oito braços, que estavam erguidos bem alto, segurando suas armas esplêndidas.

17. Ao vê-lo se aproximar, a Deusa tocou sua concha e fez seu arco também emitir de sua corda uma nota que era extremamente difícil de suportar.

---

[68] *Āvidhya*. A edição de Mumbai diz *ādāya*, “pegando”.

18. E Ela encheu todas as regiões com o toque de seu sino, o que fez com que o vigor de todas as hostes Daitya se desvanecesse.

19. Então seu leão encheu o céu, a terra e as dez regiões do céu com rugidos altos, que detiveram o fluxo copioso da exsudação dos elefantes no cio pertencentes aos demônios.

20. Kālī saltando para o alto então atingiu o céu e a terra com ambas as mãos; o estrondo disso abafou os sons anteriores.

21. Śivadūti[69] deu uma risada alta inauspiciosa. A esses sons os Asuras tremeram; Śumbha cedeu à maior fúria.

22. Quando Ambikā gritou “Pare, ó alma má! Pare!" os deuses que haviam assumido suas posições no ar então gritaram para ela: “Sê vitoriosa!”

23. A lança terrivelmente flamejante que Śumbha arremessou ao se aproximar, e que brilhava como uma massa de fogo enquanto avançava, foi desviada por um grande tição de fogo.

---

[69] Isto é, Caṇḍikā; veja o Canto VIII, verso 27.

24. A abóbada entre os três mundos reverberou com o rugido leonino de Śumbha, mas o som terrível da matança entre seus soldados superou isso, ó rei.

25. A Deusa partia as flechas disparadas por Śumbha, e Śumbha as flechas que Ela disparava, cada um com suas flechas afiadas às centenas e milhares.

26. Caṇḍikā enfurecida com isso o atingiu com um dardo. Atingido, ele caiu desmaiado no chão.

27. Então Niśumbha, recuperando a consciência, pegou seu arco novamente e atacou a Deusa, Kālī e o leão com flechas.

28. E o senhor Dānava, aquele filho de Diti, utilizando uma miríade de armas, novamente cobriu Caṇḍikā com um grande número de discos.

29. A Deusa então, enfurecida, Ela, Durgā que destrói as aflições da adversidade, partiu aqueles discos e aquelas flechas com suas próprias flechas.

30. Então Niśumbha, agarrando sua maça, avançou impetuosamente contra Caṇḍikā para matá-la imediatamente, com a hoste Daitya o cercando.

31. Quando ele a estava atacando, Caṇḍikā rapidamente cortou sua maça com sua cimitarra afiada. E ele pegou um dardo.

32. Caṇḍikā com um dardo arremessado rapidamente perfurou Niśumbha, o atormentador dos Imortais, no coração, enquanto ele se aproximava com o dardo na mão.

33. Quando ele foi perfurado pelo dardo, de seu coração saiu outro homem de grande força e grande valor, exclamando “Pare!”

34. Quando ele se adiantou, a Deusa rindo alto e então cortou sua cabeça com a cimitarra; então ele caiu ao chão.

35. O leão então devorou aqueles Asuras cujos pescoços ele esmagara com seus dentes selvagens, e Kālī e Śivadūtī devoraram os outros.

36. Alguns grandes Asuras pereceram, sendo perfurados pela lança empunhada pela Energia de Kumāra; outros foram rechaçados pela água purificada pelo feitiço proferido pela Energia de Brahmā.

37. Outros caíram, atingidos pelo tridente empunhado pela Energia de Śiva; alguns foram

reduzidos pó no chão pelos golpes do focinho da Energia de Varāha.

38. Alguns Dānavas foram cortados em pedaços pelo disco lançado pela Energia de Viṣṇu; e outros também pelo raio disparado pelos dedos da Energia de Indra.

39. Alguns Asuras morreram imediatamente, alguns pereceram devido à grande batalha, e outros foram devorados por Kālī, por Śivadūtī e pelo leão.

◀

❀ ❀ ❀

Canto X – A Morte de Śumbha

———

Ambikā absorve todas as outras deusas e, lutando com Śumbha em duelo, o mata. – O universo se enche de alegria.

———

O ṛṣi falou:

1. Ao ver seu irmão Niśumbha morto, que lhe era tão precioso quando a própria vida, e seu exército sendo massacrado, Śumbha furioso falou assim:

2. "Ó Durgā, que és maculada pela arrogância da força, não tragas teu orgulho aqui, tu que, confiando na força de outras deusas, lutas com extrema arrogância!"

A Deusa falou:

3. De fato eu estou sozinha no mundo aqui; que outra Deusa existe além de mim? Vê, vil! que essas deusas, que recebem de mim seu poder divino, estão realmente entrando em mim.

4. Então todas aquelas deusas, Brahmāṇī e as outras, foram absorvidas pelos seios da Deusa; Ambikā então permaneceu realmente sozinha.

A Deusa falou:

5. Embora eu estivesse com meu poder divino sob muitas formas aqui – que foram recolhidas por mim, de fato eu estou sozinha agora. Sê firme no combate!

O ṛṣi falou:

6. Então começou uma batalha entre ambos, a Deusa e Śumbha, enquanto todos os deuses e os Asuras observavam – uma batalha inclemente.

7. Com chuvas de flechas, com armas afiadas e também com mísseis impiedosos, ambos se engajaram novamente em um combate que deixou o mundo inteiro com medo.

8. E o senhor dos Daityas quebrava os mísseis celestiais, que Ambikā disparava às centenas, com armas que os detinham.

9. E a Deusa Suprema, em mera brincadeira, partia os mísseis celestiais que ele disparava, com gritos ferozes, exclamações e outros sons.

10. Então o Asura cobriu a Deusa com centenas de flechas, e a Deusa enfurecida com isso partiu seu arco também com flechas.

11. E quando seu arco foi partido o senhor dos Daityas pegou uma lança. A Deusa a partiu, enquanto ele a segurava na mão, com um disco.

12. Em seguida o monarca supremo dos Daityas, agarrando uma cimitarra e um escudo semelhante ao sol, no qual cem luas estavam retratadas, avançou contra a Deusa naquele momento.

13. No momento quando ele estava caindo sobre Ela, Caṇḍikā rapidamente quebrou sua cimitarra com flechas afiadas disparadas de seu arco, e também seu escudo, que era imaculado como os raios do sol.

14. Com seus corcéis feridos, seu arco partido, sem cocheiro, o Daitya então agarrou sua maça terrível, pronto para matar Ambikā.

15. Quando ele a atacou, Ela cortou sua maça com flechas afiadas; mesmo assim, erguendo o punho, ele correu rapidamente na direção dela.

16. O nobre Daitya bateu com o punho no coração da Deusa, e a Deusa também bateu no peito dele com a palma da mão.

17-18. Ferido pelo golpe da palma dela, o rei Daitya caiu repentinamente no chão; e novamente ele se levantou e, levantando-se de um salto, agarrou a Deusa e subiu alto no céu.

19. Lá também Caṇḍikā, sem nenhum apoio, lutou com ele. O Daitya e Caṇḍikā a princípio então lutaram entre si no céu em um combate corpo a corpo, o que causou consternação entre os *sīddhas* e *munis*.

20. Depois de travar um combate corpo a corpo com ele por muito tempo, Ambikā o ergueu, então o girou e o jogou ao chão.

21. Ao ser arremessado dessa maneira, ele tocou o solo, ergueu o punho apressadamente e avançou, como a alma má como era, com o desejo de matar Caṇḍikā.

22. Ao ver que ele, o senhor de todo o povo Daitya, se aproximava, a Deusa então perfurou seu peito com um dardo e o derrubou no chão.

23. Despedaçado pela ponta do dardo da Deusa, ele caiu sem vida, sacudindo toda a terra e seus mares, ilhas e montanhas.

24. Quando aquele demônio de alma maligna foi morto, o universo ficou plácido, a terra recuperou o bem-estar perfeito e o céu tornou-se puro.

25. Nuvens agourentas, que antes estavam cheias de chamas, tornaram-se tranquilas, e os rios se

mantiveram dentro de seus canais, quando ele foi derrotado.

26-27. Todos os grupos de deuses então ficaram extremamente alegres quando ele foi morto; os Gandharvas cantaram docemente, e outros deles tocaram seus instrumentos, e os grupos de Apsarases dançaram; e brisas sopraram favoráveis, o sol ficou muito brilhante, e os fogos sagrados serenos arderam livremente, e tranquilos se tornaram os sons estranhos que ocorriam nas regiões do céu.

◀

❀ ❀ ❀

Canto XI – O Louvor à Deusa

———

Os deuses oferecem um hino de louvor à Deusa. – Ela lhes concede a bênção de que sempre encarnará e libertará o mundo toda vez que ele for oprimido por demônios.

———

O ṛṣi falou:

1. Quando o grande senhor dos Asuras foi morto lá pela Deusa, Indra e os outros deuses precedidos por Agni ofereceram louvores a Ela, Kātyāyanī, porque eles haviam realizado seu desejo; seus rostos brilhavam e suas esperanças tinham se manifestado.

2. "Ó Deusa, que acabas com os sofrimentos dos Teus suplicantes, sê benevolente!
Sê benevolente, ó Mãe do mundo inteiro!
Sê benevolente, ó Rainha do Universo! Protege o universo!
Tu, ó Deusa, és a Rainha de tudo o que é móvel e imóvel!

3. Só Tu te tornaste o esteio do mundo,
Porque Tu Te manténs na forma da terra!
Por Ti, que existes na forma de água, todo
Esse universo é permeado, ó Tu, inviolável em Teu valor!

4. Tu és a energia de Viṣṇu, ilimitada em Tua bravura;
Tu és o germe do universo, Tu és a Ilusão sublime!
Todo esse mundo foi enfeitiçado, ó Deusa;
Tu, de fato, quando alcançada,[70] és a causa da emancipação final da existência na terra!

5. Todas as ciências são porções de Ti, ó Deusa;
Assim como todas as fêmeas sem exceção nos mundos![71]
Somente por Ti, como Mãe, esse mundo foi preenchido!
Que louvor pode haver para Ti? Tu estás além do louvor, da expressão mais sublime![72]

6. Quando, como a Deusa que constitui todas as coisas criadas,
E que concede Svarga e a emancipação final da existência,
Tu és louvada – para o Teu louvor novamente
Que palavras sublimes podem ser suficientes?

---

[70] "Bem-satisfeita", conforme a edição de Mumbai.
[71] A edição de Mumbai diz: "Assim como todas as fêmeas, e o mundo inteiro também".
[72] Ou "a expressão do sublime".

7. Ó Tu, que permaneces sob a forma da Inteligência
No coração de cada criatura viva;
Ó Deusa que concedes Svarga e a emancipação final da existência,
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti!

8. Tu na forma de minutos, momentos e outras porções de tempo,
Trazes a obtenção de resultados;
Ó Tu que és poderosa na morte do universo,
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti!

9. Ó tu que és beneficente com toda felicidade,
Ó Dama auspiciosa, que realizas cada petição,
Ó Concessora de amparo, ó Tryambakā, ó brilhante,
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti!

10. Ó Deusa eterna, que constituis a energia
Da criação, permanência e destruição,
Ó Tu morada das boas qualidades, que consistes em boas qualidades,
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti![73]

---

[73] A edição de Mumbai insere um verso aqui:
Ó tu que és o Caminho Supremo da salvação
Dos que buscam proteção, dos desamparados e dos aflitos!
Ó Deusa que afastas o sofrimento de todos,

11. Ó Tu que viajas em um carro celeste atrelado a cisnes,
Que assumes a forma de Brahmāṇī.[74]
Ó Deusa que asperges água mergulhada em erva *kuśa*,
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti!

12. Ó Tu que seguras um tridente, a lua e uma serpente,
Que és carregada por um enorme touro,
Com o caráter natural de Māheśvarī,[75]
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti!

13. Ó Tu que és acompanhada pelo pavão e pelo galo,
Que carregas uma grande lança, ó impecável;
Ó Tu que assumes a Tua posição na forma de Kaumārī,[76]
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti!

14. Ó Tu que seguras as Tuas melhores armas
Uma concha, disco, maça e o arco Śārṅga,

Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti!

[74] A Energia (*śakti*, fem.) de Brahma. O cisne é o veículo dele.

[75] A Energia (*śakti*) de Maheśvara ou Śiva. O tridente, a lua e a serpente são os emblemas e ornamentos dele, e o touro é seu veículo.

[76] A Energia de Kumāra ou Kārttikeya. O pavão é seu veículo, e o galo é um atendente dos pais dele, Śiva e Pārvatī.

Sê benevolente, ó Tu que tens a forma de Vaiṣṇavī;[77]
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti!

15. Ó Tu que seguras um disco enorme e formidável,
Que ergueste a terra com Tuas presas,
Ó Auspiciosa, que tens uma forma suína,[78]
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti!

16. Ó Tu que na forma feroz de homem-leão[79]
Tu fizeste os Teus esforços para matar os Daityas,
Ó Tu que és conectada[80] com a libertação dos três mundos,
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti!

17. Ó Tu que tens um diadema e um grande raio,
Que és deslumbrante com mil olhos,
E que tiraste o ar vital de Vṛtra, ó Aindrī,[81]
Nārāyaṇī, reverências a Ti!

---

[77] A Energia de Viṣṇu. A concha, o disco, a maça e o arco são as armas dele.
[78] A Energia de Viṣṇu em sua encarnação como javali.
[79] A Energia de Viṣṇu em sua encarnação como um homem com cabeça de leão.
[80] Outra leitura é: "Ó Tu que és honrada com a libertação dos três mundos".
[81] A Energia (*śakti*) de Indra, o matador de Vṛtra. O diadema é seu ornamento, o raio é sua arma, e ele tem mil olhos.

18. Ó Tu que com a natureza de Śivadūtī[82]
Massacraste as hostes poderosas dos Daityas,
Ó Tu de forma terrível, de gritos altos,
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti!

19. Ó Tu que tens um rosto formidável com presas,
Que estás enfeitada com uma guirlanda de cabeças,
Ó Cāmuṇḍā, que moes cabeças raspadas,
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti!

20. Ó Lakṣmī, Modéstia, Amplo Conhecimento!
Ó Fé, Nutrição, Svadhā, Inamovível!
Ó Grande Noite, Grande Ilusão!
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti!

21. Ó Vigor Mental, Sarasvatī, Excelente!
Ó Bem-Estar, Esposa de Babhru,[83] Escura!
Ó Rainha autocontrolada, sê benevolente!
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti![84]

---

[82] Veja o Canto VIII, v. 27.
[83] O Marrom ou o Vermelho, um nome de Śiva.
[84] A edição de Mumbai insere um verso aqui:
Ó Tu, o limite de cujas mãos e pés é em toda parte,
Cujos olhos, cabeça e boca estão em toda parte,
Cujas orelhas e nariz estão em toda parte;
Ó Nārāyaṇī, reverências a Ti!

22. Ó Tu que tens a natureza do todo, Rainha de tudo!
Ó Tu que possuis o poder de todos!
Salva-nos dos terrores, ó Deusa!
Ó Deusa Durgā, reverências a Ti!

23. Bondoso é esse Teu semblante,
Que está adornado com três olhos;
Que ele nos guarde de todas as coisas criadas!
Ó Kātyāyanī, reverências a Ti!

24. Formidável com chamas, extremamente afiado,
Que destrói os Asuras sem piedade,
Que o Teu tridente nos guarde do perigo!
Ó Bhadrakālī, reverências a Ti!

25. O Teu sino, que enche o mundo com seu toque
E destrói as glórias dos Daityas,
Que o Teu sino nos proteja, ó Deusa,
Nós mesmos, como crianças, dos pecados!

26. Coberta de sangue e gordura de Asuras
Como se fosse com lama, brilhante com raios,
Que a Tua cimitarra seja em defesa do nosso bem!
Ó Caṇḍikā, a Ti nós nos curvamos!

27. Tu destróis todas as doenças, quando satisfeita;
Mas quando enfurecida destróis todos os desejos nutridos.
Nenhuma calamidade sobrevém aos homens que Te procuram!
Aqueles que Te procuram se tornam de fato um refúgio!

28. Esse massacre que Tu causaste agora
Aos grandes Asuras que odeiam a retidão, ó Deusa,
Ao multiplicares o Teu corpo em muitas formas
Ó Ambikā, que outra Deusa realiza isso?

29. Nas ciências, nas escrituras, que precisam da lâmpada do discernimento,
E nos ditados antigos, quem além de Ti
Dentro do abismo do egoísmo, onde há uma grande escuridão,
Faz com que esse universo gire tão dolorosamente?

30. Onde quer que habitem Rākṣasas e Nāgas virulentamente venenosos,
Onde quer que haja inimigos, onde quer que existam os poderes dos Dasyus,
E onde o fogo flamejante aparecer no meio do oceano,

Permanecendo lá Tu sem dúvida defenderás o universo!

31. Ó rainha do universo, tu proteges o universo!
Tu tens a Natureza do universo, pois Tu sustentas o universo.
Tu és a Dama digna de ser louvada pelo Senhor do universo.
Aqueles que são o refúgio do universo se curvam com fé diante de Ti!

32. Ó Deusa, sê benevolente! Protege-nos totalmente da ameaça de nossos inimigos
Perpetuamente, como nesse exato momento Tu nos salvaste prontamente ao matares os Asuras!
E dá fim rapidamente aos pecados de todos os mundos
E às grandes calamidades decorrentes da maturação dos portentos!

33. Para nós que estamos prostrados, sê benevolente,
Ó Deusa, que tiras a aflição do universo!
Ó Tu digna do louvor dos habitantes dos três mundos,
Concede bênçãos aos mundos!”

A Deusa falou:

34. Eu estou disposta a conceder uma bênção. Ó hostes de deuses, escolham qualquer dádiva que a sua mente deseje; eu a concederei como algo que beneficiará os mundos.

Os deuses falaram:

35. Ó Rainha de todos, conclui assim, de fato, a pacificação de todos os problemas dos três mundos, e a destruição de nossos inimigos.

A Deusa falou:

36. Quando a vigésima oitava era chegar, no Vaivasvata Manvantara, nascerão outros dois grandes Asuras, Śumbha e Niśumbha.

37. Então, nascida como filha do ventre de Yaśodā na casa do pastor Nanda, e morando nas montanhas Vindhya, eu destruirei ambos.

38-39. E encarnando novamente em uma forma muito terrível na face da terra, eu matarei os Dānavas Vaipracitta;[85] e quando eu devorar aqueles ferozes e notáveis Vaipracitta Asuras os meus dentes ficarão vermelhos como as flores da romãzeira.

---

[85] Os descendentes de Vipracitti.

40. Por isso os deuses em Svarga e os homens no mundo dos mortais, louvando-me, sempre falarão de mim como “A de Dentes Vermelhos”.[86]

41. E novamente, após um período de cem anos, durante os quais a chuva e a água faltarão, louvada pelos *munis*, eu nascerei, mas não gerada pelo útero, na terra.

42. Então, porque eu contemplarei os *munis* com cem olhos, a humanidade me celebrará como “A de Cem Olhos”.[87]

43. Em seguida, ó deuses, eu sustentarei[88] o mundo inteiro com as verduras que sustentam a vida, que crescerão do meu próprio corpo, durante um período de fortes chuvas.

44. Eu ganharei fama na terra então como Śākambharī;[89] e nesse mesmo período matarei o grande Asura chamado Durgama.

45-46. E novamente, ao assumir uma forma terrível no monte Himavat eu destruirei Rākṣasas para libertar os *munis*, todos os *munis* curvando seus

---

[86] *Rakta-dantikā*.
[87] *Śatākṣī*.
[88] Nutrirei.
[89] “Produtora de ervas” ou “Nutridora de ervas”.

corpos reverentemente então me louvarão; daí o meu nome “A Deusa Terrível”[90] se tornará célebre.

47-48. Quando Aruṇākṣa[91] causar grandes problemas nos três mundos, eu assumirei uma forma semelhante a uma abelha, a forma de inúmeras abelhas, e matarei o grande Asura para o bem dos três mundos, e todas as pessoas então me glorificarão como Bhrāmarī.[92]

49. Assim, sempre que surgirem transtornos causados pelos Dānavas, em cada época dessas eu encarnarei e efetuarei a destruição dos inimigos.

◀

❀ ❀ ❀

[90] *Bhīmā Devī.*
[91] Ou *Aruṇākhya* na edição de Mumbai; “Quando o Asura chamado Aruṇa causar etc.”.
[92] “A Deusa similar a uma abelha.”

Canto XII – Conclusão do Devī-Māhātmya: A Morte de Śumbha e Niśumbha

———

A Deusa fala sobre os méritos deste poema e os resultados benéficos de lê-lo e ouvi-lo. — Os deuses recuperam seus direitos e os Daityas partem para Pātāla. — Os atributos e a beneficência dela são glorificados.

———

A Deusa falou:

1. Eu sem dúvida livrarei de todos os problemas aquele que com a mente tranquila me louvar constantemente com esses hinos.

2. E aqueles que celebrarem a destruição de Madhu e Kaiṭabha, o massacre do Asura Mahiṣa, e a morte de Śumbha e Niśumbha também;

3-4. E àqueles que ouvirem[93] com fé esse poema sobre a minha majestade sublime no oitavo dia da quinzena lunar, no décimo quarto e no nono, com mente atenta, não sobrevirá nenhum mal, nem calamidades decorrentes de más ações, nem pobreza, nem mesmo a privação de seus desejos.[94]

---

[93] "Celebrarem em canções", segundo a edição de Mumbai.
[94] *Iṣṭa-viyojana*; ou "separação de entes queridos". *Viyojana* não se encontra no dicionário.

5. Eles nunca precisarão ter medo de inimigos, de ladrões, nem de reis, nem de armas, fogo ou enchentes.

6. Portanto, esse poema sobre a minha majestade deve ser lido por pessoas de mente serena e ouvido por elas sempre com fé, pois ele é o supremo vetor de bênçãos.

7. Agora, que esse poema sobre a minha majestade acabe com todos os tipos de calamidades, que decorrem de uma grave pestilência,[95] e do presságio triplo.

8. Se esse poema for devidamente lido constantemente em meu santuário, eu nunca abandonarei aquele local, e ali a minha presença será fixa.

9. No oferecimento do *bali*,[96] e durante a adoração, nas cerimônias com fogo, e em um grande festival, toda essa história das minhas façanhas deve ser realmente proclamada e ouvida.

10. Eu aceitarei com bondade tanto a adoração do *bali* que for feita, quanto a oblação pelo fogo que for

---

[95] *Mahā-mārī*; ou "cólera".
[96] *Bali*: vítima oferecida a Durgā.

oferecida, por aquele que entende ou por aquele que não entende.

11-12. E no grande culto anual que é realizado no outono, a pessoa que ouvir cheia de fé esse poema sobre a minha majestade, certamente, pela minha graça, ficará livre de todos os problemas e será abençoada com riquezas, grãos e filhos.

13. Além disso, por ouvir esse poema sobre a minha majestade se obtém descendentes esplêndidos e destreza nas batalhas, e um homem se torna destemido.[97]

14. Quando os homens ouvem esse poema sobre a minha majestade, os inimigos sofrem destruição, a prosperidade advém e sua família se alegra.

15. Que esse poema sobre a minha majestade seja ouvido em todos os lugares, em uma cerimônia para obter tranquilidade, e depois de se ter um pesadelo e quando os planetas estiverem muito eclipsados.

---

[97] O texto, conforme encontrado, está incorreto, e o comentário traduz o verso como: "Por ouvir esse poema sobre a minha majestade, e as minhas diversas aparições esplêndidas nas formas das Energias, e os meus atos de bravura em batalhas, o homem se torna destemido".

16. Assim, os presságios se acalmam e também os temíveis eclipses dos planetas, e também os sonhos ruins tidos pelas pessoas; e um doce sonho aparece.

17. Ele produz tranquilidade nas crianças possuídas pelo demônio que se apodera das crianças,[98] e é o melhor promotor da amizade entre os homens quando a união se dissolve.

18. Ele é o mais potente diminuidor do poder de todos os homens de subsistência prejudicial; de fato, devido à leitura dele ocorre a destruição de Rākṣasas, trasgos e Piśācas.

19-21. Todo esse poema sobre a minha majestade aproxima a pessoa de mim. E por meio de gado, flores, oferendas de *arghya* e incensos, e pelos melhores perfumes e lâmpadas, por festas dadas aos brâmanes, por oblações, por aspersão de água dia e noite, e por vários outros objetos de prazer, por presentes anuais – a graça obtida por meio desses, essa graça é conquistada de mim quando essa história das minhas nobres façanhas é ouvida.

22. Quando ouvida, ela tira os pecados e concede a saúde perfeita. Essa minha celebração preserva os seres criados dos nascimentos futuros, essa história

---

[98] *Bāla-graha*; veja o *Mārkaṇḍeya Purāṇa*, Canto 51.

das minhas façanhas em batalhas, da aniquilação dos Daityas perversos.

23. Quando ela é ouvida, nenhum medo, causado pela inimizade, surge entre os homens. E os hinos que vocês compuseram, e aqueles compostos por *brahmarṣis*, e aqueles compostos por Brahmā conferem uma mente[99] esplêndida.

24-28. Aquele que está cercado por um incêndio violento em uma floresta ou em uma estrada solitária, ou rodeado por ladrões em um local desolado, ou que foi capturado por inimigos, ou que é perseguido por um leão ou tigre ou por elefantes selvagens em uma floresta, ou que está sob o comando de um rei enfurecido, ou que está condenado à morte, ou que caiu em confinamento, ou que é carregado pelo vento, ou que está em um navio no vasto oceano, ou que está na batalha mais terrível com armas caindo sobre si, ou que é afligido pela dor em meio a todos os tipos de problemas terríveis – tal homem, ao se lembrar dessa história sobre as minhas façanhas, se livra das dificuldades. Através do meu poder, leões e outras feras perigosas, ladrões e inimigos, de fato, à distância, fogem daquele que lembra essa história das minhas façanhas.

O ṛṣi falou:

---

[99] Ou *gatim*, “progresso” ou “descendentes”.

29. Após dizer isso, a adorável Caṇḍikā, cuja bravura é feroz, desapareceu de lá enquanto os deuses estavam realmente olhando para Ela.

30. Todos os deuses também, livres do medo, seus inimigos tendo sido mortos, retomaram seus próprios domínios como antes, compartilhando de suas cotas dos sacrifícios.

31-32. E os Daityas – quando Śumbha, aquele feroz inimigo dos deuses, que trouxe ruína ao mundo e que era incomparável em destreza, tinha sido morto pela Deusa em luta, e Niśumbha também de grande bravura foi morto — foram todos para Pātāla.

33-34. Assim aquela Deusa adorável, embora eterna, nascendo repetidas vezes efetua a proteção do mundo, ó rei. Por Ela esse universo é enfeitiçado, Ela realmente dá à luz o universo. E quando solicitada, Ela concede conhecimento; quando satisfeita, Ela confere prosperidade.

35-37. Todo esse ovo de Brahmā, ó rei, é permeado por Ela, que é Mahākālī em Māhākāla,[100] e que tem a natureza da Grande Deusa Destruidora.[101] Ela de fato é Mahāmārī no momento fatídico; Ela de fato é

---

[100] Um santuário sagrado para Śiva em Ujjain; veja *Raghu-Vaṁśa*, vi. 32-34 e *Megha-Dūta* i. 34.
[101] *Mahā-mārī*; veja o verso 7 e nota acima.

a criação, a Não-Nascida; Ela, realmente, a Eterna, dá estabilidade aos seres criados em sua hora predestinada. Ela de fato é Lakṣmī, concedendo prosperidade às casas dos homens enquanto Ela mora com eles; e Ela, quando está ausente, torna-se a Deusa da Má Fortuna[102] para a destruição deles. Quando louvada com hinos e adorada com flores, e com incenso, perfumes e outras oferendas, Ela concede riqueza e filhos, e uma mente brilhante em virtude.

◀

❀ ❀ ❀

[102] *A-lakṣmī.*

Canto XIII – Conclusão do Devī-māhātmya

———

Após ouvirem esse poema, o rei Suratha e o vaiśya praticaram austeridades e adoraram a Deusa. — Caṇḍikā apareceu para eles e deu ao rei a bênção de que ele seria o Manu Sāvarṇi em uma vida futura, e concedeu conhecimento ao vaiśya.

———

O ṛṣi falou:

1. Agora eu narrei para ti, ó rei, esse poema sublime, o Devī-māhātmya. A Deusa, que sustenta esse mundo, possui esse poder majestoso.

2. Além disso, Ela que é a Energia Ilusória do adorável Viṣṇu concede conhecimento. Tu e esse *vaiśya* e outros homens de discernimento e homens célebres são enfeitiçados por Ela; e outros serão enfeitiçados.

3. Vai até Ela, a Rainha Suprema, como a um lugar de refúgio, ó grande rei. Ela, quando propiciada pelas pessoas, de fato concede prazer, Svarga e emancipação final da existência.

Mārkaṇḍeya falou:

4-5. Após ouvir esse discurso dele, o rei Suratha se prostrou diante do *ṛṣi* ilustre que realizava penitências árduas e, abatido por sua consideração excessiva por si mesmo e pela privação de seu reino, foi praticar austeridades imediatamente.

6-7. O *vaiśya*, ó grande *muni*, para ter uma visão de Ambā, se posicionou em um banco de areia em um rio; e o *vaiśya* praticou austeridades, murmurando o sublime hino à Deusa.

8-9. Ambos fizeram uma imagem de barro da Deusa naquele banco de areia e prestaram-lhe adoração com flores, incenso, fogo e libações de água. Abstendo-se de comer, restringindo a alimentação, concentrando a mente nela, mantendo os pensamentos serenos, ambos fizeram a oferenda do *bali* e também aspergiram com sangue retirado de próprio corpo. Quando eles continuaram com almas subjugadas a propiciá-la dessa maneira por três anos, Caṇḍikā, que sustenta o mundo, falou com satisfação em forma visível.

A Deusa falou:

10. O que você solicitar, ó rei, e você, ó alegrador da sua família, vocês receberão de mim; muito satisfeita eu o concederei.

Mārkaṇḍeya falou:

11. Então o rei escolheu um reino que não perecesse em outra vida, e nessa vida o seu próprio reino onde o poder dos seus inimigos fosse destruído pela força.

12. Então também o *vaiśya*, cuja mente estava abatida, escolheu o conhecimento – ser sábio, saber "o que é meu" e "o que eu sou" – conhecimento que causa a queda dos apegos mundanos.

A Deusa falou:

13-14. Ó rei, você obterá o seu próprio reino em poucos dias, após matar seus inimigos; ele permanecerá firme para ti lá; e quando morto você ganhará outra vida do deus Vivasvat, e será um Manu na terra, chamado Sāvarṇika.

15. E, ó *vaiśya* excelente, eu lhe concedo a dádiva que você me pediu; o conhecimento será seu até a plena perfeição.

Mārkaṇḍeya falou:

16. Tendo assim dado a ambos a bênção que cada um desejava, a Deusa desapareceu instantaneamente, enquanto era glorificada por ambos com fé.

17. Após obterem assim a bênção da Deusa, Suratha, o nobre *kṣattriya*, obterá um novo nascimento através do Sol e será o Manu Sāvarṇi.

◀

❀ ❀ ❀